

REVISTA DA  
**ACADEMIA**  
**PIRACICABANA**  
DE **LETRAS**



ANO V - Nº 8  
PIRACICABA - 2013

REVISTA DA  
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano V – nº. 8  
Piracicaba – novembro de 2013

## REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,  
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,  
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781,  
CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: [academiapiracicabanadeletras@gmail.com](mailto:academiapiracicabanadeletras@gmail.com)

Blog: [academiapiracicabana.blogspot.com](http://academiapiracicabana.blogspot.com)

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:

Armando Alexandre dos Santos (MTb 36.265)

Endereço: Rua do Rosário, 781 – 13400-183 Piracicaba SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada  
ao Editor no seguinte endereço:

Rua Alferes José Caetano, 855 ap. 192-A

13400-120 Piracicaba SP

E-mail: [aasantos@uol.com.br](mailto:aasantos@uol.com.br)

CONSELHO EDITORIAL:

Antonio Carlos Neder

Elias Salum

Gregório Marchiori Netto

Gustavo Jacques Dias Alvim

Ivana Maria França de Negri

Mons. Jamil Nassif Abib

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza

Myria Machado Botelho

Samuel Pfromm Netto (in memoriam)

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:

A. de França Andrade

DIAGRAMAÇÃO:

Genival Cardoso

IMPRESSÃO:

IUBRA Gráfica e Editora Ltda

Rod. Boituva - Iperó, Km 1,1

18500-000 - Boituva-SP

## APRESENTAÇÃO

Com grande orgulho venho apresentar mais um número, o oitavo, da **Revista da Academia Piracicabana de Letras**, que se mantém firme e progressiva, cooperando dessa forma com a arte literária de nossa querida terra de Piracicaba.

Ela já é uma referência cultural na “Atenas Paulista”!

Se esse sonho, que parecia impossível, se tornou realidade, isso se deve principalmente e antes de tudo aos nossos queridos Acadêmicos, colaboradores e lutadores incansáveis na difícil trajetória que o mundo das Letras exige, pois com suas produções em prosa e verso engrandecem a Academia e elevam cada vez mais o nível de sua Revista. Com sua pequena, mas constante contribuição financeira permitem eles que uma publicação tão benéfica ao público leitor seja mantida.

A realização desse sonho deve-se também ao competente e ardoroso Acadêmico Armando Alexandre dos Santos, que desde o primeiro número nos brinda com seu trabalho, dirigindo e administrando editorialmente a nossa Revista.

Meus agradecimentos a todos. Vamos sempre em frente!  
Abraços afetuosos.

Piracicaba, 30 de outubro de 2013

*Maria Helena Corazza*  
*Presidente*



## ÍNDICE

André Bueno Oliveira – <i>Os olhos de Luna</i> .....	7
Antonio Carlos Fusatto – <i>Engraxate / Longa Espera / Setembro</i> .....	13
Antonio Carlos Neder – <i>A História que precisa ser contada</i> .....	17
Aracy Duarte Ferrari – <i>Piracicaba: crescimento e globalização</i> .....	21
Armando Alexandre dos Santos – <i>Cultura popular e cultura erudita / O happy-end de Dona Marilu</i> .....	23
Carla Ceres Oliveira Capeleti – <i>Eu sobrevivi a 2013</i> .....	33
Carlos Moraes Júnior – <i>As armadilhas do consenso / Paisagens</i> .....	35
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – <i>Sinfonia para pitáia / A semente da felicidade / Aos amigos aposentados</i> .....	39
Cássio Camilo Almeida de Negri – <i>O Aniversariante / A máscara do urubu</i> .....	43
Cezário de Campos Ferrari – <i>Mudamos muito?</i> .....	47
Elda Nympha Cobra Silveira – <i>Só as borboletas?</i> .....	51
Evaldo Vicente – <i>Como heróis não imortais!</i> .....	55
Felisbino de Almeida Leme – <i>Paz, Esperança e Fé / Boa noite, saudade / O Poeta / Poema do Adeus</i> .....	57
Francisco de Assis Ferraz de Mello – <i>Bandeira Branca / As minhas estações</i> .....	59
Geraldo Victorino de França – <i>Conhecendo a lenda de Narciso / Conhecendo a lenda de Ártemis / Relação entre a mitologia e as ciências / Conhecendo os significados da palavra fênix</i> .....	61
Gustavo Jacques Dias Alvim – <i>Uma história nunca antes contada!</i> !...	65

Ivana Maria França de Negri – <i>Auschwitz / Mundo mágico</i> .....	71
João Baptista de Souza Negreiros Athayde – <i>Vestígios / Inexorável / Mensagem das flores / Minha musa voltou... / Perplexidade / ? / Caos e poesia</i> .....	75
João Umberto Nassif – <i>Retratos de vida</i> .....	81
Leda Coletti – <i>Crianças abandonadas / Microcontos / Minha Rua</i> ...	85
Lino Vitti – <i>Ser Príncipe! / Poesia / A meu Pai / Mãe / Mulher</i> .....	89
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – <i>Um mergulho na espiritualidade</i> .....	93
Marisa Amábile Fillet Bueloni – <i>Férias de julho</i> .....	95
Mônica Aguiar Corazza Stefani – <i>A janela / O ciclo</i> .....	97
Myria Machado Botelho – <i>Primavera... Sombras e flores</i> .....	99
Olívio Nazareno Alleoni – <i>Elucubrações existenciais – O valor do homem</i> .....	101
Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – <i>Senhor, dê-nos a Fome! / Miragem / Viver repartindo a vivência / Ternura / A Todas as Mães</i> .....	107
Valdiza Maria Caprânico – <i>A Sapucaia da paz</i> .....	111
Homenagem a João Chiarini .....	115
Colaboração especial .....	119
APL em ação – Noticiário .....	123

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA  
Cadeira nº 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

## Os olhos de Luna

Andressa e Carlos estavam com casamento marcado. Faltava um mês apenas, e os preparativos pareciam caminhar a passos de tartaruga. O estresse era enorme. Tudo era checado cuidadosamente para que nada desse errado. A preocupação maior, nesse estágio, era a de levar toda a mobília para o apartamento que tinham acabado de alugar. Tudo estava armazenado em nossa casa: geladeira, fogão, guarda-roupa, mesa, armários de cozinha, sofá etc.

Faltando apenas uma semana, quando tudo parecia estar na santa paz, eis que surge “*uma pedra no meio do caminho*”. Onde levar a Mila? Sim! A cachorra Cocker da Andressa? No apartamento não seria permitido. As regras do condomínio proibiam.

– E agora, dona Nina? Minha mãe tinha dito que ficaria com ela, mas nós discutimos e ela não quer mais – dizia em prantos nossa futura nora.

Minha esposa pacientemente tentou contornar a situação.

– Não esqueite! Sua mãe devia estar nervosa. Depois ela muda de ideia.

– Não, dona Nina. A senhora não conhece minha mãe. Nossa discussão foi feia! Será que a senhora não permite deixarmos a Mila em sua casa provisoriamente? Quando voltarmos da lua-de-mel encontramos outra solução?

Nina olhou para mim com ar de indagação. Eu nunca aceitei a hipótese de ter um cão em minha casa, mas diante daquela dolorosa choradeira de Andressa...

– Tudo bem, respondi. Pode trazer a Mila para cá.

No dia seguinte, a Mila pretinha começava uma nova etapa de sua vida. Ela tinha completado apenas um aninho.

O casamento foi lindo! A lua-de-mel, com certeza, maravilhosa! O retorno à rotina: inevitável! E a Mila?



À medida que nossos recém-casados silenciavam sobre a Mila, Nina e eu, nos apaixonávamos cada vez mais por aquela Cocker pretinha. Era muito brincalhona e nos divertia muito com suas travessuras. E ela foi ficando, ficando, ficando, e acabou se tornando nossa... Definitivamente nossa.

Após um ano de casados, Carlos e Andressa se mudaram do apartamento para uma casa térrea. Certo dia, os dois chegaram em nossa casa com um ar de alegria diferente e suspeito; um tanto escrupuloso, meio debochado, como eu nunca tinha visto antes.

– Pai, nós encontramos um Cocker preto, chamado Beto, a duas quadras de nossa casa, disse-me Carlos eufórico. Um macho lindo, com os pelos crespos, orelhas enormes... Maravilhoso!

– E daí?

– Então: estávamos pensando em comprar um cachorrinho, mas a Andressa teve outra ideia. Que tal se o Beto e Mila “se unissem em matrimônio”? Nós ficaríamos com um filhote, e os demais o senhor poderia vender, se quisesse.

Êta menino cara de pau – pensei! Antes que eu dissesse um NÃO enorme, Nina antecipou:

– Imagina! Quem teria coragem de se desfazer dos filhotes? Nós não podemos ficar com nenhum, pois já temos a Mila e nosso quintal é pequeno!

Deixando os “*entretantos*” e partindo para os “*finalmentes*”, como diria Odorico Paraguaçu, Mila e Beto “se casaram segundo as regras caninas”. Dois dias foram suficientes. Depois de 59 dias, nossa Mila se tornou mãe de 5 cãesinhos: 3 machos e 2 fêmeas. Um fato que me deixou perplexo foi a diversidade de cores dos filhotes, pois eu imaginava que seriam todos pretos, herdando – pela minha lógica – a cor de seus pais. Engano total! Nasceram, pela ordem: um macho palha, dois machos pretos, uma fêmea caramelo, e outra fêmea douradinha. Cuidamos dos cinco por um período de mais ou menos 45 dias, até a fase do desmame. Em seguida, convocamos os respectivos interessados a buscarem seus filhotes. O dono do Beto, Sr.Sérgio, foi o primeiro a escolher. Sem dúvida ficou com o macho palha, que era o mais gordinho, talvez por ter sido o primeiro a nascer. Meu filho e minha nora escolheram dois: um macho preto, mais a fêmea caramelo. Minha irmã Bete ficou com o outro macho pretinho. Sobrou a fêmea douradinha, que apesar da linda

cor, era a cachorrinha mais feia, mais desengonçada e mais raquítica da ninhada. Nina apelidou-a de “*patinha-feia*”. Fora a última a nascer. Oferecemos a “*patinha*” para muitas pessoas: parentes, amigos, vizinhos... porém ninguém a quis. E... ela foi ficando, foi ficando, foi ficando e acabou também se tornando nossa. Definitivamente nossa. Passou a ser uma excelente companheira para a Mila. Demos a ela o nome de Luna.

Aos poucos, a aparência da Luna foi se modificando e acabou se tornando mais bonita que seus demais consanguíneos. Sua pelagem dourada passou a ter pequenas nuances entre a cor palha e a caramelo, prevalecendo, em maior percentual, a dourada. E também os pelos que antes eram totalmente lisos, passaram a ser suavemente crespos, principalmente nas orelhas. E os olhos? Os olhos de Luna eram lindos! Eram castanhos e possuíam um brilho estelar. A luz de seus olhos nos fazia entender seus desejos, até em proporção maior que seus latidos. E havia um destaque diferenciado que deixava seus olhos mais atraentes ainda: os cílios. Os pelos uniformes, sempre eretos, causavam a impressão de estarem sempre retocados com rímel. Pareciam minúsculas vassourinhas, os cílios de Luna.

Com o passar do tempo, ela impôs sua condição de líder sobre a Mila, sem respeitar a hierarquia canina. E era sapeca. Às vezes comia toda sua ração com a maior voracidade possível, para em seguida avançar raivosa sobre sua mãe e roubar-lhe o jantar. Peripécias não faltavam. Era engraçado vê-la se preparando para defecar. O ritual era o mesmo. Sempre! Ficava rodopiando em pequenos círculos, até encontrar o ponto-alvo para deixar suas fezes. E para completar a graça, muitas vezes, quando o cocô ficava em posição ereta, ela passava a latir sobre ele como se estivesse provocando-o a brincar com ela.

Por muitos anos convivemos felizes e em harmonia até o dia em que a Mila adoeceu. Já estava com 14 anos. Apesar de toda dedicação e boa vontade da doutora Rosana, competente médica-veterinária, os medicamentos não surtiram efeito e ela veio a falecer. Não presenciamos sua morte. Ainda bem! Morreu dormindo. Nada sofreu. Nós, porém, sofremos muito com sua falta. O único consolo foi o legado que nos deixou: sua filha Luna, que naquele ano completara 12 anos.

Com a falta da mãe, a Luna se tornou carente. Não aceitou

mais dormir sozinha no quintal. Todas as noites levávamos seu colchão para o banheiro. E assim foi até completar 16 anos, quando foi vítima de uma tragédia. Certo dia, nós a encontramos no quintal, tentando abocanhar um pequeno rato que já estava agonizante. Embora machucado, o ratinho tentava ainda escapar de suas garras. Ao mesmo tempo que a Nina gritou para ela, correu em sua direção para tomar dela a sua presa. Em vão! Ela acabou comendo o infeliz roedor. Ligamos para nossa veterinária, e ela nos acalmou, dizendo que aguardássemos alguns dias, pois o único perigo seria a possibilidade de o rato estar envenenado. Pior que estava!!! Ela parou de comer, ficou amuada e durante uma semana, – além de outros medicamentos que ingeria – precisou tomar soro pelas veias. Chegou a ter uma melhora. Voltou a comer, mas a partir desse episódio, nunca mais foi a mesma Luna. Dois meses depois, tudo voltou na estaca-zero. Fomos novamente ao consultório da Dra. Rosana, que após exames de sangue, urina, ultrassom e também raio-X, constatou que o problema renal era mais sério do que imaginava. “Se fosse um ser humano – disse-nos a doutora – seria necessário submetê-la a uma constante hemodiálise.” E o veredicto fatal foi declarado: para não vê-la sofrer, a melhor solução seria a eutanásia. E nós não queríamos vê-la sofrer, mais do que já estava sofrendo. Concordamos com a veterinária.

No dia seguinte eu a levei à clínica para o sacrifício fatal. Embora convicto de que estava fazendo a escolha certa, me sentia o algoz de nossa Luna douradinha, que por 16 anos tinha sido nossa alegria de viver. Do carro até ao interior do consultório, eu a levei em meus braços. Olhava para mim com os olhos tristes, porém cheios de ternura. Parecia que estava entendendo a minha atitude sem aprová-la totalmente. A primeira injeção foi apenas um calmante, para fazê-la dormir. Ela já estava calma, mas não dormiu. Alguns minutos depois, a dose letal. Comecei a chorar feito criança. Sentia inexplicavelmente um conjunto de emoções embaraçadas: alívio, pena, remorso, raiva, revolta, tristeza, dor... Tudo.

Naquele exato momento passei a observar os olhos de Luna. Ainda estavam reluzentes como se estivessem refletindo um brilho lunar. Um brilho de lua cheia. Aos poucos, porém, seu corpo foi relaxando mais e mais, e ela tentou me olhar pela última vez... mas com um olhar já opaco. Luna acabava de perder o brilho de seus

---

olhos. Os meus permaneciam embaçados pelas minhas lágrimas. Para aumentar ainda mais minha agonia, naquele exato momento – tão inoportuno – veio à minha mente o diálogo poético entre J. G. de Araújo Jorge e sua amiga poetisa Maria Helena:

(Ele) *“que pena, meu amor, nunca mais poder te olhar com os olhos da primeira vez”*.

(Ela) *“afasta o pensamento singular, que tanto mal te fez; que a pena, a grande pena, a maior pena, é olhar pela última vez”*.



---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO  
Cadeira n° 6 – Patrono: Nélío Ferraz de Arruda

## Engraxate

Neguinho cor de azeviche,  
sempre alegre a gargalhar  
peraltices, estripulias  
e as colegas a ajudar

Saltitando pela praça.  
– Oi, moço, quer engraxar?  
mais parece um palhacinho  
no seu jeito de brincar.

Subindo sempre nos bancos,  
pulando de vão em vão,  
enrosca a caixa nas pernas,  
estatela-se no chão!

## Longa Espera

Noite avançada; céu deslumbrante, leva o cabisbaixo noctívago à margem do rio, onde se acomoda num banco de areia: calça arregaçada, pés descalços dentro d'água, olhos voltados ao firmamento, pede a conspiração da lua e das estrelas a seu favor, para tornarem a noite ainda mais bonita, a fim de lembrá-la do grande amor que nele despertou. Nesta negritude mística, a natureza prepara um cenário mágico para o desenrolar de um monólogo mental, que ora se inicia.

Pirilampos vagueiam por este palco natural, fortalecendo com suas luzes o encantamento do local; vez ou outra, a sinfonia de grilos e batráquios é interrompida pelo pio estridente d'alguma ave noturna em voo rasante.

A lua, expectadora deste cenário, parece sorrir comovida, lançando sobre a copa das árvores e o rio uma colcha tecida com fios de prata; uma brisa leve passeia pelos galhos das árvores, alternando o cenário com o farfalhar das folhas.

O tempo passa...; olhos semiabertos, o pensamento devaneia pelo tempo...

Cheiro de relva rorida aguça-lhe ainda mais a lembrança dos momentos que ali passou com ela; dos passeios de barco nas manhãs sonolentas, das pescarias ao pôr-do-sol, rebojar dos cardumes nas piracemas...

A ampulheta não para, paulatinamente espesso nevoeiro, mais parecendo um exército de fantasmas rastejando sobre a relva, envolve o rio e a mata... Ali sentado, só ele e o rio... Dela, a saudade, a vontade de gritar ao mundo, a dor da desilusão.

Propositalmente ela deixou o tempo passar, talvez um dia resolva procurá-lo; provavelmente terá ido embora, seu espírito indômito não permite ficar: é como o rio solitário, ora calmo, ora agitado, mas sempre em busca de um braço de mar.

E, nesta divagação, já é dia, sol escaldante, areia molhada, um rancho esburacado, herança de seu saudoso pai, uma porteira mal fechada, no horizonte a silhueta de um adeus!...

---

## Setembro

Aqui, ali, acolá,  
explosões de cores balouçantes  
inebriam a alma  
do observador!

Suave brisa,  
resvalando as folhas,  
parece carregar  
ânforas de perfumes  
sobre a campina.

É primavera!  
gargalhando flores,  
transformando a natureza  
numa tela multicolor;  
cujo matiz somente o  
Grande Arquiteto do Universo  
sabe pintar!...





---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS NEDER**  
Cadeira n° 15— Patrono: Archimedes Dutra

## **A História que precisa ser contada**

A cidade de Piracicaba sempre foi palco de manifestações culturais, nos ramos educacional, científico, artístico, esportivo, político e industrial.

Berço de figuras ilustres, onde despontavam também para todo o país a gloriosa Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz e a indústria metalúrgica Dedini, além da liderança dentro do futebol do interior paulista, onde o E. C. XV de Novembro foi campeão amador do interior do Estado em 1931, e bicampeão em 1947/48 da Lei de Acesso, tornando-se o primeiro clube do interior paulista a disputar a primeira divisão do futebol do Estado de São Paulo.

Porém, no início da década de 1950, Piracicaba necessitava deslanchar com novas realizações que viessem engrandecer e entusiasmar sua população.

Após a Segunda Guerra Mundial, com o mundo todo estagnado e se preparando para um grande avanço, Piracicaba não foi exceção. Naquela época a comunicação com o resto do Estado de São Paulo era deficiente, pois tínhamos como meio de transporte de passageiros e cargas a Estrada de Ferro Sorocabana e a Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Esta última nos levaria até a cidade de São Paulo, fazendo baldeação em Jundiá, num total de 4 horas de viagem. A Estrada de Ferro Sorocabana atingia um pequeno número de cidades próximas e ainda como transporte coletivo tínhamos o Expresso Piracicabano, que era composto por suas caminhonetas que transportavam doze passageiros por viagem, até São Paulo.

Tínhamos na ocasião pouco mais de vinte e cinco automóveis de aluguel e cerca de cem particulares, entre caminhões e carros de passeio. O sistema de telefonia era ineficiente, clamando por melhorias que vieram alguns anos após, com a instalação da Cipatel de Piracicaba. Com esse quadro assim desenhado, podemos aquilatar as dificuldades

que nossa cidade possuía para deslanchar, no período de após Guerra.

Nessa época possuíamos dois colégios de ensino secundário particulares, o Colégio Nossa Senhora da Assunção, que formava professores para o ensino de primeiro grau, e o Colégio Piracicabano, além da Escola Normal Sud Menucci, mantida pelo Estado.

Esses três educandários formavam os futuros candidatos ao vestibular.

Porém, quase a totalidade desses formandos tinha que se deslocar da cidade, com sérios prejuízos para suas famílias, caso quisessem prosseguir seus estudos, pois o único curso superior à disposição era o de formação agrônômica.

Os meios educacionais de Piracicaba e as lideranças da cidade em seus diversos setores sabiam da necessidade de se criar pelo menos mais uma opção de curso superior.

Estávamos no início de 1950. Aproximadamente dezessete anos antes havíamos perdido uma faculdade de ensino superior, particular, que se denominava Faculdade de Farmácia e Odontologia Washington Luiz, que chegou a formar três turmas de cirurgiões dentistas. Os motivos da paralisação de suas atividades até hoje não ficaram bem claros, restando apenas o sentimento de perda, seguido de um vácuo nas necessidades de nossa população estudantil.

A sociedade piracicabana estava ressentida com a perda da sua Faculdade, e se movimentou no sentido de sua possível recuperação.

A primeira tentativa para criar uma nova faculdade de farmácia e odontologia surgiu através do deputado estadual Valentim Amaral, em 1950. O trabalho do deputado não obteve êxito, porém deixou clara a intenção da população piracicabana de possuir mais um instituto de ensino superior.

Em 1953, a luta pela criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia prosseguia e durante uma reunião cívica promovida pelo Rotary Club de Piracicaba, que contou com a presença do prefeito municipal Samuel de Castro Neves, Domingos José Aldrovandi – presidente da Câmara Municipal – e dos deputados Valentim Amaral, Francisco Carlos de Castro Neves, Bento Dias Gonzaga, Athiê Jorge Coury e João Pacheco Chaves, foi feito um apelo em nome do Rotary Club, pelo seu associado Dr. Fortunato Losso Netto, para que se marcasse a comemoração com o trabalho, por parte de todos os presentes, para conseguir-se a fundação da faculdade.

---

Com o desfraldar dessa bandeira e com o idealismo do Dr. Losso, médico, jornalista e empresário do “Jornal de Piracicaba”, seguiu-se a união unânime da cidade, que não descansou mais até que o objetivo fosse alcançado.

Isso ocorreu em janeiro de 1955, quando a Assembleia Legislativa aprovou, em sua redação final, o projeto de criação da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Piracicaba.

(continua)



---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI**  
Cadeira nº 16 – Patrono: José Mathias Bragion

## **Piracicaba: crescimento e globalização**

Cognominada “Noiva da Colina”, conhecida pelo seu rio, sua exuberância e pujança, localiza-se na região central do Estado com uma população de 368.000 habitantes. Próxima de duas grandes metrópoles, São Paulo e Campinas, distante 30 km da estância hidromineral de Águas de São Pedro, considerada uma das melhores termas do país.

Neste bom recanto onde piracicabanos e não piracicabanos aqui residentes compartilham com amor da mesma realidade, facilmente adquirem sua cultura, seus costumes, suas tradições e seus valores históricos.

O início da futura cidade foi marcante: no ano de 1767 (século XVIII), chegou à nova terra o senhor Antônio Corrêa Barbosa, de personalidade marcante, aventureiro, desbravador, dando início ao Povoado de Piracicaba. Nome provavelmente escolhido por ter em sua margem direita o rio Piracicaba. Um dos fortes motivos do desenvolvimento foi proveniente das embarcações que desciam o vale médio do Rio Tietê. Como era um centro abastecedor, a tripulação permanecia um período de tempo e, ao descer rio abaixo, alguns permaneciam, fixando residência. Aqui encontraram terras férteis, abundância de água, clima adaptável e fortes pastagens para criação de bovinos, equinos, caprinos e galináceos.

O rio foi importante no início do povoado, com suas águas límpidas, cristalinas, sem fatores poluentes. O ecossistema em perfeita harmonia... Suas águas continuam sem a mesma qualidade a deslizarem e correr rutilantes ao reflexo da lua, e ondas abundantes batem nas rochas gnaisse e a população a apreciar e algumas vezes a questionar por que o rio está poluído? Mas mesmo assim nos feriados e finais de semana, muitos utilizam-se da ponte pênsil e outros margeiam o rio ao longo da Rua do Porto, antiga Rua da Praia. Ali

permanecem observadores, reflexivos, atentos e inspirados na quietude, para apreciarem sua beleza e sentir a descida das águas do Vêu da Noiva. É o Salto alegrando os olhares!

O Rio Piracicaba, suas histórias se fazem presentes na linguagem escrita: livros, jornais, revistas, panfletos, internets... tudo em prosa e versos e na linguagem falada dos contos e causos, sendo cantada através da música e interpretada em peças teatrais. As informações acrescem conhecimentos, a fala do povo une gerações com vínculo duradouro e a música alegre enriquecendo os fatos. É assim classificado o homem que faz histórias e registra memórias do passado no presente.

Retomando, o povoado estava em acelerado progresso, recebeu a nova denominação de “Vila Nova da Constituição”, para bem depois chamar-se Piracicaba. O povoado teve dois padroeiros, sendo o primeiro Nossa Senhora dos Prazeres, em homenagem aos descobridores portugueses, e o segundo Santo Antônio, em homenagem a Antônio Corrêa Barbosa, o seu fundador. A cidade no passado já possuía ilustres personagens como políticos, juristas, educadores, pintores, musicistas, médicos, dentistas, jornalistas, industriais, comerciantes de secos e molhados, jogadores e outros colaboradores envolvendo-se com o progresso da cidade.

O desenvolvimento acentuado foi a partir do final do século XIX e durante todo o século XX, com acentuadas oscilações para firmar-se eficazmente no presente século e década. O momento é próspero, o desenvolvimento acelerou com a nova tecnologia, a economia e a cultura em grande destaque. De importância internacional a criação do Polo Nacional de biocombustível; aproveitamento direto e inteligente do produto extraído da cana-de-açúcar, o álcool. Há também a contribuição direta da produção das mega-indústrias Caterpillar, Dedini, Raízem, Fibrea e outras de menor porte, mas todas contribuem com o financeiro, econômico e social do município. A ocorrência máxima atualmente é a instalação da automotiva Hyundai, a qual aumentará consideravelmente os benefícios e consequente melhoria para a população.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS**

Cadeira nº 10 – Patrono: Brasília Machado

## **Cultura popular e cultura erudita: confronto ou complementação?**

Pretendo escrever, neste ensaio, o que penso sobre cultura popular e cultura erudita. Sei que vou expor ideias “politicamente incorretas”, e até, se me for permitido o neologismo, “antropoliticamente incorretas”.

Na ótica reducionista e acanhada do marxismo – especialmente do marxismo dito “ortodoxo” – a cultura popular e a erudita necessariamente se contrapõem, à maneira da luta de classes. Entre o popular e o erudito deveria, pois, haver sempre um relacionamento antagonístico e conflitivo.

Não concordo com essa visualização, que a meu ver distorce o problema. Se sairmos fora dos rígidos esquemas marxistas e procurarmos analisar a realidade cultural dentro de uma ótica mais aberta, veremos que essa realidade é muito mais rica, muito mais matizada.

A cultura popular não deve ser definida a partir da ideia de exclusão de uma classe dominante autointitulada erudita, ou clássica. A cultura popular é, na realidade, a base, o substrato, o caldo de cultura a partir do qual são feitas elaborações e aperfeiçoamentos, para dali se destilar a cultura erudita que, com o passar do tempo, se torna cultura clássica.

A cultura erudita deve, pois, ser vista como um aprimoramento, uma excelência, uma sublimação da cultura popular. O erudito não pode viver isolado do popular. As raízes, as bases de sustentação, estão no povo. E tanto o artista erudito quanto o popular fazem parte do povo...

Tudo o que é clássico e erudito um dia já foi popular. Home-



ro, não esqueçamos disso, era um cantador popular da velha Héliade, um jogral andarilho, cego e analfabeto. Sua obra, no entanto, constituiu-se na matriz de toda a poesia épica e clássica dos últimos milênios.

Um erudito que pretendesse se desligar do popular seria como uma bela flor cortada da planta e colocada num vaso com água. Teria beleza e teria perfume, mas estaria condenada à morte. Logo murcharia. Jamais se transformaria em fruto e seria capaz de formar uma semente fecunda, que desse origem a outra vida vegetal.

A cultura de um povo, de uma nação, de uma sociedade, seja em sua faceta popular, seja na erudita, deve, pois, ser entendida como algo global, como um todo. A cultura vai de baixo para cima, por via de aperfeiçoamento, e segue, também, o caminho oposto, de cima para baixo, igualmente por via de aperfeiçoamento. É fácil entender como se dá esse caminho oposto: as elites, aperfeiçoando e destilando uma cultura popular local mais trabalhada, e eventualmente trazendo também o aporte de contribuições de outros povos e outras culturas (pois as elites, normalmente, têm mais acesso a essas informações), também transmitem às pessoas menos favorecidas sua cultura. E, assim, se dá uma interpenetração no conjunto da sociedade, em que todos saem lucrando.

Não precisam brigar nem se guilhotinar mutuamente... Todos se beneficiam com essa interação, com essa troca de informações e padrões culturais.

Um exemplo muito claro dessa colaboração da cultura popular e da erudita, com benefício da sociedade inteira, pode ser visto na Minas Gerais setecentista.

Em 2009 participei de uma inesquecível excursão às cidades históricas de Minas, organizada pelo amigo Sérgio Desiderá, professor de História, vereador e atual Secretário da Cultura de Rio Claro. Para todos os que tivemos o privilégio de fazer parte dessa excursão, ficou muito patente como o extraordinário esplendor da cultura mineira, que até hoje fascina os turistas de todo o mundo, era tipicamente produto participativo de uma sociedade inteira, desde os mais ricos e letrados até os escravos e os incultos. Era a sociedade mineira, na sua totalidade, que produzia aquelas maravilhas.

Nós assistimos a um belo concerto de órgão na Catedral de Mariana. A organista, uma maestrina negra, fez inicialmente uma

erudita conferência sobre o barroco mineiro, depois contou a história do órgão, único no Brasil, doado por uma rainha de Portugal, e por fim discorreu sobre as músicas que iria tocar, quase todas compostas ainda no século XVIII por compositores mineiros, muitos deles filhos de escravos ou de ex-escravos. Foi uma verdadeira aula magistral sobre o tema, antes de começar o belo concerto.

No meio das músicas clássicas, no melhor estilo de Vivaldi ou de Mozart, vieram também composições populares daquela época, daqueles mesmos compositores. E tudo integrado num conjunto harmônico, formando um espetáculo verdadeiramente inesquecível.

Pois bem, eu pergunto: por que não entender a CULTURA assim ampla, num sentido abarcativo, em vez de ficar com a ideia fixa de discriminar, de um lado, a cultura erudita e opressora, de outro a cultura popular oprimida e revolucionária?

Sou, na realidade, entusiasta da cultura popular autêntica, onde quer que ela se manifeste. O povo simples, o “povão”, em todas as épocas e em todos os lugares sempre foi capaz de produzir verdadeiras maravilhas culturais, em muitas áreas diferentes. Destaco apenas três, daquelas que mais me atraem e entusiasмам:

1) Música – a música chamada “de raiz”, autêntica, é de grande beleza, é um reflexo muito autêntico da alma de cada povo. No caso brasileiro (já que estamos no Brasil), o chorinho, a seresta, o samba, os ritmos regionais menos conhecidos, são uma verdadeira beleza. Tudo o que se puder fazer para valorizá-los deve ser feito. No ano de 2010, fiz o curso de radialista, no SENAC de Piracicaba, e uma das professoras certa vez mandou, como dinâmica de grupo, que cada aluno levasse um objeto qualquer com o qual se identificasse simbolicamente. E como tínhamos dois músicos na turma, um levou um violão, outro um cavaquinho. Apareceu outro aluno com uma voz maravilhosa. O resultado foi uma aula inesquecível...

2) Culinária – talvez em nenhum campo se manifeste tanto a inesgotável criatividade popular. A maior parte das melhores criações de comidas, em todo o mundo, se deve a simples donas de casa, modestas, anônimas e esquecidas, mas empenhadas em fazer, com muito amor e dedicação, menos sacrificadas as vidas de seus

maridos e filhos. Com recursos limitados conseguiram, de geração em geração, forjar essa maravilha que é a culinária popular típica.

Que é a pizza, senão pão e queijo, a mais simples e barata das combinações alimentares da velha Itália? A esfiha, que é senão a mistura de pão e restos de carne de carneiros? E a feijoada, verdadeira maravilha feita da mais barata das leguminosas e das menos nobres partes do mais sujo dos animais domésticos?

Lembro que certa vez estava em Madri, numa Semana Santa, hospedado num hotel baratinho. Como nessa época do ano a cidade fica vazia, pois todos os turistas acorrem a Sevilha, um grande hotel de 5 estrelas fez uma promoção incrível. As diárias ficaram mais baratas do que o meu modesto hoteleco... Fui, então, passar uns dias no Five Stars... Tinham um restaurante internacional, com cozinheiros premiadíssimos. Fui lá comer um cozido à madrilenha, o prato mais típico da capital espanhola. Não tinha gosto de nada, parecia comida de hospital, sem tempero, sem cheiro, sem graça.

Na semana seguinte, estava de novo na minha modesta hospedaria e fui a um botequim ordinário, desses bem baratinhos. Atendeu-me a dona, uma espanhola baixinha, gordíssima, parecia uma barrica... Perguntei qual era o prato do dia. Ela respondeu que tinha feito cozido à madrilenha. Perguntei, para provocá-la, se estava bom, porque na semana anterior tinha comido um que era uma droga. A espanhola ficou ofendida com a pergunta, e me respondeu em tom de desafio: "Pués, cómallo, señor, y si no le gusta no hay que pagarlo!".

Comi o prato e nunca mais esqueci dele. Estava maravilhoso, cheiroso, saboroso, charmoso, delicioso, fabuloso etc. etc. etc. Ela o serviu com uma garrafinha de vinho barato, da casa, igualmente sublime, e com aquele pão típico de Madri, que lembra o pão italiano, com casca muito grossa e dura e um sabor incomparável, e bastante azeite...

Em outras partes do mundo, considera-se falta de educação limpar o prato, no fim da refeição, com pão molhado no molho ou azeite que sobrou. Na Espanha, não. Lá é até sinal de que se gostou da comida. Pois foi o que fiz com aquele cozido sublime: comi-o inteiro e, no final, limpei cuidadosamente o prato com aquele pão não menos sublime.

A mulher me observava enquanto eu comia. Vendo que eu tinha feito as honras do prato, veio me dizer em tom de desafio que, se eu não tivesse gostado, não precisaria pagar e podia ir embora, mas

nunca mais voltasse. Respondi que estava ótima a comida e só não pagava duas vezes porque estava com meu dinheiro muito contado, mas que ela bem mereceria. E prometi voltar outras vezes...

Outra vez, em São Francisco da Barra, às margens do Velho Chico (o rio São Francisco), estava com um amigo num restaurantezinho muito simples, bem popular. Pedimos um prato comum do local, moqueca de surubim. Estava deliciosa, realmente era um prato inesquecível. Comentamos, meu amigo e eu, que se a rainha da Inglaterra comesse aquele prato, por certo lamperia os beijos e repetiria... No fim, elogiamos o prato ao garçom, um meninote de seus 17 anos, e dissemos a ele que o cozinheiro estava de parabéns.

– Querem conhecer o cozinheiro – perguntou-nos. – Claro! – respondemos. Ele se afastou e retornou, após alguns instantes, com a irmãzinha dele, menina de 14 para 15 anos. Era ela que tinha feito aquela maravilha! Nós, evidentemente, elogiamos e incentivamos a menina, deixamos uma boa gorjeta para ela... Isso é cultura popular, da autêntica!

3) Ditos Populares – a cultura popular se exprime de modo excelente na extraordinária riqueza dos adágios, dos provérbios, dos ditos populares. São prodígios de sabedoria e concisão que até os maiores filósofos invejam... As longas falas de Sancho Pança, recheadas de bom senso e sabedoria popular, são invariavelmente constituídas por adágios e ditos populares da velha Castela, costurados de modo admirável pelo gênio literário de Cervantes.

Pois bem, julgo ter mostrado, pelos comentários acima, como prezo e aprecio as manifestações populares de cultura autêntica. Mas devo dizer, ainda que pareça “antropoliticamente incorreto”, que a cultura chamada erudita não deve ter vergonha de ser e considerar-se superior.

Se cultura é o que a própria palavra, etimologicamente, significa, sua elaboração é análoga à dos cultivos vegetais. Está sempre, necessariamente, ligada à terra, de onde tira seus nutrientes e sua sustentação química. Mas é, também, fruto da elaboração racional e consciente de elites, de artistas, de pensadores, de pessoas que se destacam do comum e procuram melhorar, aprimorar, fazer algo de um modo mais aperfeiçoado.

Assim, que um Lizst pegue canções populares húngaras

e sobre elas componha variações maravilhosas de música erudita, ou que um grande cozinheiro pegue uma receita popular e a sublime numa criação refinada extraordinariamente criativa, ou que um grande pensador componha uma obra prima de filosofia desenvolvendo um pensamento contido num provérbio popular anônimo, nada mais natural, nada mais compreensível.

Mas, dizer que tudo fica no mesmo pé de igualdade, porque tudo é cultura e nenhuma cultura se pode considerar superior ou inferior – como é de praxe afirmar-se hoje em dia quase como se fosse um dogma absoluto – isso não compreendo nem aceito.

Por que tanto medo de classificar as coisas em superiores e inferiores? Por que tanto medo dos juízos de valor?

O historiador inglês Peter Burke comenta os dois relatos da batalha de Waterloo. Trata-se de um caso muito conhecido e frequentemente citado. Uma exposição pormenorizada da batalha foi escrita pelo general que a venceu, o Duque de Wellington. Como ele próprio reconhece, a vitória foi devida à providencial chegada, já no final da tarde de um dia chuvoso, das tropas do general prussiano Blucher. Até aquele momento, a decisão da batalha estava incerta e havia ainda uma possibilidade muito grande de Napoleão sair vencedor. Mas a chegada de Blucher, que vinha em marcha batida e conseguiu chegar a tempo, foi fatal para Napoleão e selou para sempre sua sorte.

Outra descrição, da mesma batalha, foi encontrada no diário de um soldado raso inglês que participou do combate e também registrou suas impressões e sua versão dos acontecimentos. São óticas diversas que permitem, aos historiadores de hoje, uma visão mais completa e abarcativa do grande acontecimento.

Tanto o soldado quanto o generalíssimo participaram da batalha. Portanto, o resultado dela deveu-se aos dois. Mas não se pode dizer que se deveu igualmente aos dois.

As massas, as multidões, os anônimos, têm sem dúvida seu importante papel na História. Mas querer uma história sempre vista de baixo para cima, parece-me desarrazoado. Pois sempre terá razão Hobsbawm, que diz que, na História, muito pouca coisa se fez que não fosse obra de elites.

Por que temer tanto as elites?

Em todas as línguas, elites são sinônimos de excelência, de aprimoramento, de seleção. Só no Brasil, como comenta meu di-

letíssimo e admirável amigo Paulo Bomfim, a palavra elite virou quase um palavrão...

No meu modo de entender, dizer que todas as culturas são paralelas e não há superiores nem inferiores é uma opinião “(antro) politicamente correta”, mas sem nenhuma base na realidade. Seria como pretender que todas as nações do mundo são igualmente soberanas, porque na ONU cada uma delas tem um voto... Nem por isso Trinidad Tobago e Inglaterra serão iguais. Seria como imaginar que todos os homens são iguais porque a Constituição assim o declara e porque todos têm um voto... quando, de fato, o meu voto nunca vai valer o mesmo do que o voto do dono da Rede Globo.

A realidade é que em tudo – países, pessoas, culturas, coisas – há diferenciações e essas diferenciações, desde que equilibradas e não esmagadoras, constituem uma riqueza do conjunto.

Resumindo o meu pensamento: é um erro considerar o popular e o erudito como conflitantes, quando, pelo contrário, eles devem se completar harmonicamente. E outro erro é querer pôr tudo no mesmo nível, como se o trabalho de aperfeiçoamento, de elevação, de sublimação, feito pelos eruditos de nada valesse, nada acrescentasse ao popular.

## **O happy-end de Dona Marilu**

Eles se casaram apaixonadíssimos um pelo outro. Pareciam dois pombinhos.!

Durante a viagem de lua-de-mel, o rapaz se queixou do arroz de todos os hotéis. Mas Marilu não deu muita importância ao fato. Estava apaixonada demais para notar esse pormenor insignificante.

Ela só se deu conta de que Rogério tinha ideia fixa com arroz quando retornaram da viagem e recomeçaram a vida normal. Todos os dias, invariavelmente, ele se queixava do arroz que a pobre néo-dona-de-casa fazia. Sempre dizia que não tinha gosto, que era ruim, que era intragável. A frase com que concluía a crítica diária era sempre a mesma:

– Você não sabe fazer arroz como minha mãe fazia.

Infelizmente, Dona Santinha, a mãe de Rogério, já havia falecido, de modo que Marilu nem sequer podia recorrer à sogra. Mas esta se fazia presente, sempre, pela ausência... Sogra, aliás, é figura que nunca desaparece no horizonte de um relacionamento conjugal, mesmo depois de morta.

Todos os dias, todos os meses, em todas as estações do ano, invariavelmente, lá vinha a crítica:

– Você não sabe, mesmo, fazer arroz. Arroz bom era o que a minha mãe fazia.

No começo, a moça ficava enciumada, chegava a ficar irritada, quase odiando a inesquecível sogra. Depois, filosofou um pouco, superou a coisa, até acabou achando graça. E brincava com o marido na hora de servi-lo:

– Já sei que é uma droga, mas infelizmente é o que temos. Dona Santinha, que Deus tenha em bom lugar, está lá no Paraíso fazendo arroz celestial... Por enquanto, vamos nos contentar com este mesmo, certo, amor?

E assim viveram em relativa paz durante anos. Mas Marilu conservava aquela mágoa, aquela frustração dolorida, de nunca ter feito um arroz que merecesse, de Rogério, mais do que aquela crítica diária que já havia se transformado em estribilho.

Ela se esforçava para contentar o marido. Sem ele saber, conseguiu novas receitas de arroz, entrevistou muitas dezenas de “arrozeiras” famosas, até mesmo em restaurantes dava um jeito de perguntar segredinhos aos cozinheiros. E nada, nada mesmo, conseguia do marido mais do que a frase de praxe:

– É... Você não consegue mesmo fazer arroz como minha mãe fazia.

Às vezes, ela, para variar, fazia um pouco de teatro e se mostrava magoada. Ele, então, procurava ser amável e dizia a mesma coisa de outro jeito mais afetuoso:

– Mariluzinha, minha querida, ninguém nesta terra é perfeito... Você é QUASE perfeita? Só não sabe fazer arroz... Entende? Não há mais nada, além disso! Eu continuo gostando de você mesmo assim...

Ela testou todo tipo de grãos, o agulhinha, o arbóreo, o semiduro, o parbolizado, o integral, o semi-integral, o japonês, o tai-

landês, o selvagem, até o arroz-vermelho, aquele que se supõe ter sido trazido para o Brasil nos navios de Cabral e que hoje está sendo recuperado pelo movimento *Slow-Food*.

Todos ela testou.

E sem sucesso!...

A reação de Rogério foi sempre a mesma.

Marilu adentrou então pelo mundo encantado e perfumado dos *risottos*. Comprou livros de culinária italiana.

Especializou-se em *risottos*. Ficou mestra no gênero.

Todas as suas amigas sabiam do seu drama e a animavam. Ela trocava receitas, mandava amostras para outras e todas, unanimemente, a aclamaram como a melhor arroseira e *risotteira* do Hemisfério Sul – ou melhor, do mundo inteiro, fora a Península italiana.

Seus *risottos* eram deliciosos! Inebriantes! Inigualáveis! Até o Mahatma Gandhi cairia na gula se os experimentasse.

Marilu fazia *risottos* de camarão, de palmito, de *funghi secchi*, de frutos do mar, de carne-seca, de espinafre, de gorgonzola. Ela chegou a ganhar dois concursos de criatividade culinária, um promovido pelo suplemento de um grande jornal diário e o outro na televisão. O restaurante que frequentavam aos domingos adotou uma das receitas sugeridas por ela e a incluiu no cardápio, com o nome dela (“Risotto sublime de Dona Marilu”) e o privilégio de poder sempre que quisesse comer aquele prato sem pagar. Um editor que, casualmente, almoçava no mesmo restaurante, quis conhecê-la e convidou-a até a escrever a quatro mãos um livro sobre *risottos*.

Tudo eram glórias para ela, em matéria de triunfos “arrozísticos”. Mas o marido continuava, todos os dias, a martelar a mesma coisa:

– É, Marilu, não digo que você cozinhe mal. Você até que cozinha muito bem. O problema é só o arroz... Pena que você não conheceu a minha mãe. Ela ensinaria você...

Depois de 16 anos casados, já com filhos adolescentes e quase na idade de se casarem, era sempre a mesma história...

Até que um dia aconteceu uma coisa estranha. Marilu, já com fios de cabelo branco aparecendo (estava na hora de começar a tinger, dizia a vizinha...) estava cozinhando no final da manhã quando tocaram a campainha.

Foi atender. Era um vendedor chato, desses que insistem, e



insistem, e insistem mais uma vez. Ela perdeu mais de 15 minutos para se livrar dele e, ao retornar à cozinha, deu-se conta de que havia queimado o arroz. A água do cozimento havia secado e os grãos de baixo, mais próximos à base da panela, estavam negros, completamente queimados. E o odor de queimado havia impregnado toda a panela e se espalhava pela casa inteira.

– Chiii..., pensou ela, é hoje que eu vou ouvir. Daqui a pouco chega o Rogê e vai ser um tra-la-lá...

Ainda pensou em fazer às pressas outro arroz. Mas não dava mais tempo. E depois, pensou, ele vai reclamar de qualquer jeito, não compensa o trabalho. Vai assim mesmo!

Logo em seguida chegou o marido do escritório. Foram ambos para a mesa. Ela, sem dizer nada, passou-lhe a travessa do arroz.

Para surpresa dela, ele arregalou os olhos e disse apenas:

– Hum, que cheirinho bom!

E provou o arroz. Arregalou mais os olhos, olhou-a com ternura infinita e disse:

– Afinal, você acertou! Era assim que minha mãe sabia fazer o arroz!

E completou, amoroso:

– Agora, sim, Mariluzinha, você é perfeita... igualzinha à minha mãe!

E beijou apaixonadamente a cara-metade:

– Você faz o mesmo arrozinho que ela. Não falta mais nada! Tem até os mesmos cabelinhos brancos que ela tinha!

Beijou mais uma vez a estupefata Marilu e retornou, ávido, para o prato.

Depois, repetiu. No final, chegou a raspar a panela, deliciado...

Esse foi o maior triunfo culinário da longa carreira de Marilu. Foi, também, seu triunfo conjugal. Dona Santinha, no céu, deve ter sorrido.

A partir daí, nunca mais faltou arroz queimado naquele lar abençoado e feliz. Como nas velhas historietas de fadas, os dois viveram felizes para sempre. Continuaram pombinhos até morrer, comendo sempre arroz queimado.

*Happy end!*

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA

CAPELETI

Cadeira n° 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

## Eu sobrevivi a 2013

Em nome do Sindicato Secreto dos Adivinhos à Moda Antiga, entidade da qual fazem parte cartomantes, quiromantes, numerólogos e vários outros tipos de videntes e fumantes de substâncias mágicas com vistas a vislumbrar o futuro, venho aqui protestar contra o eufemismo que tomou conta das artes mágicas. Antigamente, quando a carta da morte aparecia, o significado era claro, alguém ia morrer. Até o consulente sabia disso. Hoje em dia, quando a morte e outras cartas nefastas surgem, os adivinhos modernos botam panos quentes, falam sobre fins de ciclo, novos nascimentos e outras amenidades pra boi dormir. Os adivinhos à moda antiga estão fartos disso. Querem exercer seu ofício milenar como sempre foi, repetindo com clareza o que as cartas, números e vísceras de aves lhes cochicham.

A maioria das pessoas não tem estrutura para encarar uma previsão de verdade. Prefere pagar para ouvir que a vida será sempre perfeita por mais que se façam bobagens. Veja o caso dos cientistas às voltas com o aquecimento global. Sim, os cientistas (uma espécie de cleromantes que adivinham o futuro não através dos dados de jogar, mas dos dados científicos) são membros ultrassecratos do Sindicato Secreto dos Adivinhos à Moda Antiga. Como eu ia dizendo antes de me perder em esclarecimentos absurdos, os cientistas preveem que a humanidade vai se dar mal se continuar poluindo o planeta. Por sua vez, a humanidade prefere não acreditar na previsão porque, se desse ouvido a esses arautos do caos, precisaria se responsabilizar por si mesma e fazer algo para evitar um destino asfíxiante.

Mas, chega de puxar a brasa pra sardinha dos cientistas. Eles

que se virem com nosso comodismo. Preciso desmascarar as previsões mais hipócritas que o mundo ocultista testemunhou nos últimos tempos, as maravilhas prometidas para o ano de 2013. Não, ao contrário do que os videntes dos panos quentes afirmam, 2013 não tem nada de bonitinho. As cartas que o regem são as da morte, do julgamento e do diabo. Claro que não acredito em nada disso. Sou apenas um teclado mercenário repetindo o que o sindicato me pagou pra divulgar nesta guerra entre adivinhos.

Então talvez seja mera coincidência janeiro começar com mais de duzentos mortos em um incêndio no Rio Grande do Sul. Coincidência que, em fevereiro, a Coreia do Norte faça um teste nuclear que deixa o mundo à beira de mais uma guerra. Coincidência que o Papa peça as contas porque não conseguiu dar um basta na corrupção da Igreja, que está em guerra interna. Coincidência que um meteoro tenha explodido nos montes Urais, ferindo quinhentas pessoas e levando autoridades militares russas a supor que os Estados Unidos tivessem testado armamentos nucleares naquela região.

Sim, é tudo coincidência, mas 2013 é um ano que promete e cumpre. Faça já sua camiseta com os dizeres “Eu sobrevivi a 2013”. Seja otimista. Se você não puder usar, talvez alguém possa.

[Obs.: Crônica publicada em fevereiro de 2013, no site Diário do Engenho, bem antes das manifestações populares que tomaram as ruas.]

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CARLOS MORAES JÚNIOR**  
Cadeira nº 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida

## **As armadilhas do consenso**

Ninguém vive sozinho, mas é muito complicado viver num grupo, porque a vida em sociedade depende de consensos, na medida em que todos contribuírem com suas experiências pessoais para que a mesmice continue. Sofremos muito para aprender essa realidade e essa necessidade de viver dentro de consensos, quer dizer, de uma maneira parecida com a maneira que todos vivem. Quanto não ficamos de castigo, ou mesmo levamos safanões, quanto sofremos de bullying até aprender a viver dentro da norma! Pensando bem, ninguém é livre ou faz o que bem quer. Os libertários e libertinos, que se negam a resignar-se ao consenso, sempre são considerados estranhos, perigosos, porque podem, de certa maneira, arranjar adeptos e tentar quebrar a unanimidade já instituída. A lógica nos diz que aquele que sempre está contra o mundo está fora dos consensos, da mesma forma aquele que sempre concorda com tudo. Estamos todos sujeitos às pressões do ambiente, sejam elas físicas ou psicológicas, e como vivemos em grupos, grandes e pequenos, que seguem comportamentos pré-determinados, a norma será sempre concordar com o grupo, com a maioria, e guardar para si a dissidência! Somos de certa forma escravos dessas pressões, por isso é muito difícil aparecer um contestador para dizer: “Eu sou contra! Eu não concordo!”, porque este vai ter que provar que a norma está errada e arcar com as consequências de não aceitar o consenso. Mas, de forma incongruente, todo aquele que deseja a liberdade é obrigado a contestar, a ser contra todas as normas pré-estabelecidas e suportar, com resignação, o troco da pressão para o retorno à velha estrada, trilhada por milhares, século após século. Logicamente, estamos aqui falando de interação entre indivíduos, e nesse sentido não existem situações em que nossas atitudes não serão fortemente influenciadas por essas pressões. Acontece que nas sociedades modernas cada

vez mais, no decorrer da história, o consenso tem sido usado como forma de dominação, ou de imposição de uma corrente política, de uma ideia religiosa e outras formas de explorar a conformidade, um comportamento costumeiro que faz o humano pensar como gado. Para contestar, para conseguirmos impor ideias, mudar conceitos e assim modificar o mundo, antes precisamos estar atentos a essas armadilhas e identificar – de forma sincera, humilde e desprendida – que tipo de decisões tomaremos por nossa própria e independente vontade e quais as que não nos pertencem e não vão contra a unanimidade. É verdade, hoje, com a informação instantânea que nos vem de todos os cantos do planeta, aparentemente a percepção que temos do outro, da felicidade, da mundividência, a nossa fé, as preferências que temos, tudo está irremediavelmente abalado pelas influências sociais externas e todas as nossas decisões sempre são tomadas de acordo com essas influências, porque o poder dos grupos sobre o indivíduo é uma coisa real e irreversível! Desta forma, a experiência mostra que o simples desejo de ser diferente e se destacar num determinado grupo faz com que as pessoas contestem e procurem fazer valer as suas opiniões, convicções pessoais e sua individualidade. Contrariamente, existem aqueles que acham que ser diferente é errado, por muitas razões, e desta forma procuram com a simples imitação não se destacar em nenhum grupo. Para esses, vale a opinião da maioria, pois jamais fazem valer as suas opiniões, convicções pessoais e sua individualidade, independentemente do absurdo da situação.

## **Paisagens**

Montanhas encordilheiradas, milenares, gigantescos rochedos ordenados em série, cheios de vida minúscula e da neve eterna nos cumes, que cutucam a estratosfera com a sua majestade! Vestustas em sua grandiosidade e beleza, mas ímpares, ali recortadas, como um cenário composto no infinito de vales sem fundo e distâncias imensas, elas representam seu papel de sentinelas dos milênios,

já que assistiram, impávidas e imóveis, a todas as modificações ocorridas à sua volta no decorrer das eras. No meio desta imensidade, um lago gelado, branco e encastelado por pinheiros e manchado por uma floresta basta e alva, se destaca como se fosse uma escara aberta na rocha, talvez como um olho divino que ali estivesse para vigiar a beleza daquela paisagem. Milhas adiante, incrustado num oceano branco, encoberto pela neblina forte, o barco quebra-gelo pisca suas luzes mortíferas para um luar prateado e luminescente, como se fosse uma mancha cinzenta naquela alvura imensa. A presença humana é minúscula, a demonstrar ao ápice da criação, qual o seu verdadeiro lugar naquele infinito natural. Ali ele é apenas coadjuvante que se deslumbra com o esplendor do que foi engendrado pelo Criador. Como poderá dominar aqueles infinitos de composição tão variada e de beleza indescritível? O navio fica para trás e a cambiante diversidade do ambiente mostra nos baixios uma paisagem diferente, como se o tempo tivesse dado um salto, deixando as alturas de um lado para encontrar as planícies, que se estendem até o horizonte, do outro. O sol reflete de soslaio, como se apenas resvasse e tingisse de luminosidade e de clarões de reflexo, que aparecem, a espaços, no momento em que a luz toca o solo.

Capim espalhado, enraizados superficialmente pelos montes de sal e pelas dunas alvacentas, mangues cheios de lama fétida, as cordilheiras de dunas levadas eternamente pelos ventos. Sargaços, mariscos sendo arrastados pelas redes. Natureza... Sol lá de longe espiando a enseada curva, rodeada de coqueiros. Outra vez o elemento humano é apenas coadjuvante nesta paisagem, na qual a noite faz o céu forrar-se de estrelas, como se fosse um tapete infinito manchado por um brilho esbranquiçado, que contrasta com a escuridão pesada dos fundões do universo.

A praia fica perdida na distância e os barulhos, luzes difusas e os cheiros de uma cidade aparecem no horizonte. Avenida, carros, buzinas, confusão. Gente subindo o morro, gente descendo do céu e se esparramando pelo rush industrial. Hora do almoço! Ônibus, semáforo. Filas, gente apressada, irritada. Cheiro de fritura. Restaurantes, bares. O lanche já vem vindo! Garçom, jardins. Ruas pequenas. Subida, descida. Trânsito. Uma batida na esquina... Jornal, jornaleiro, escritório. Trabalho, apito, produção. Rendimento, dinheiro, bancos lotados, lojas fervilhantes, boates luminosas e fais-

cantes. Noites intermináveis, roupas de luxo, champanha. Dança, mulheres e muita música. Sono. Um gato no telhado faz miau para a lua. Cansaço. Sapato no gato! Nervos, insônia. Noite mal dormida. Ruas, avenidas, estafa, procura de lazer. Cansaço de novo. Rotina, mesma coisa. Colapso...

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA  
FERNANDEZ PILOTTO

Cadeira nº 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

## Sinfonia para pitaia

Na flor rainha-da-noite  
Num zunzum alegre as abelhinhas

Aspiram o néctar da primavera

Zonzoneando em alegre bailado  
E na polinização das flores

O mistério da procriação da vida  
Faz um zunzilar divertido e ruidoso!

## A semente da felicidade

Naquela tarde, após uma rotina exaustiva, chegando em casa com os ombros curvados, vi um envelope pardo pousado sobre o chão do abrigo. Pensei:

– Mais uma daquelas correntes que odeio... Porque, de fato, não acredito em nenhum momento na eficácia das mesmas. De má vontade me arqueei um pouco e apanhei o pacote. Por fora, em letra caprichada, um delicado título: “Acadêmica” e o meu nome completo. Curiosidade despertada, pois não se tratava de missiva entregue pelo correio.

Na parte interna, um delicado soneto, uma semente e uma missão: **Plantar uma árvore em comemoração à efeméride do dia.** Pensei:



– Meu Deus, agora não tenho como escapar, não posso me isentar da responsabilidade de lograr a tarefa a mim destinada. E, com o maior prazer, defini um local e cumpri minha tão nobre missão e me senti muito feliz!

Em minha alma, no momento do plantio, fiquei imaginando que nosso amigo Acadêmico, sem utilizar nenhuma mídia social ou fazer grande alarde, relacionou um pequeno número de eleitos e semeou sua linda e feliz ideia. Lembrei do lançamento de seu livro, com maravilhosos sonetos, cujos exemplares não ficaram disponíveis em livrarias, mas foram distribuídos individualmente e com carinho por ele e sua amável esposa. A cada entrega era como se um tesouro fosse compartilhado com entes queridos.

Nos dias de hoje, em que tudo é autopromoção e egos inflados, meu amigo provou que ser nobre é ser humilde e acreditar que sonhos simples multiplicados transformam o mundo em um lugar ainda possível.

Não direi o nome dele porque certamente ele ficará feliz se eu assim o fizer, mas muitos saberão sobre quem estou falando, e isso vai certamente fazer com que muitos pensem sobre algumas atitudes em nosso cotidiano...

## **Aos amigos aposentados**

Boa noite! Para os que não me conhecem, meu nome é Carmen Pilotto, funcionária aposentada, mas ainda em exercício na diretoria da ESALQ.

É um grande prazer estar aqui com vocês, aprendendo um pouco mais como encontrar paz e harmonia após a opção de finalizar a atividade profissional. Sou uma eterna observadora, e noto que se há algo de que nossa geração gosta muito é ouvir os ditados populares. Já notaram que todos eles têm uma aplicação em nossas vidas?

Assim, vou tentar usar alguns nesta pequena troca de ideias: já repararam como “a grama do vizinho é sempre mais verde?”, ou melhor, “a galinha do vizinho é sempre mais gorda que a nossa”?

Acredito que esses ditados só têm sentido quando somos jovens; a partir de um determinado momento passamos a curtir tudo o que temos, não nos atrai mais o carro último tipo ou mesmo as roupas mais sofisticadas. Nossas alegrias vêm das coisas simples que observamos: o fuxico que fazemos com um lindo retalho, o carinho do netinho em um beijinho estralado, o sorriso de um estranho ao nos dizer bom dia, a pequena violeta que soltou lindas flores, a vitória naquela partida do jogo de truco no quintal e coisas do gênero.

Hoje, têm muito mais valor os ditados: “enquanto há vida, há esperança; muito alcança quem não cansa” e o famoso “devagar se vai ao longe”. Tudo porque a maturidade traz uma noção de tempo mais ponderada, sem a urgência da juventude. Nada de marcar dez compromissos no mesmo dia, é necessário curtir cada momento em seu tempo devido. Se demorar a acontecer algum fato, “antes tarde do que nunca”, afinal “a morte não escolhe idade”, mesmo porque “Deus dá o frio conforme o cobertor”.

Como “águas passadas não movem moinhos”, aguardamos com serenidade nossas manhãs ensolaradas ou chuvosas, mesmo porque “não há nada como um dia depois do outro”.

E vamos tocando a vida, porque “não há rosas sem espinos” e “o futuro a Deus pertence”. Devemos encarar tudo com otimismo e fé, lembrando que “a consciência tranquila é o melhor remédio contra insônia”.

Assim, amigo, cultive bons hábitos: seja aberto aos novos tempos, porque somente “envelhecemos quando deixamos de lutar!” Não seja radical, abra seu coração para os novos tempos, afinal “há males que vem para o bem”. E, pensando bem, “não corrigir nossas faltas é o mesmo que cometer novos erros”.

Seja positivo, reze, cuide de seu corpo, pondere, “ajuda-te que Deus te ajudará!”

Finalizando, quero desejar um feliz 2013 para todos, lembrando a Madre Tereza de Calcutá, em suas sábias palavras:

*“Enquanto estiver vivo, sinta-se vivo.*

*Se sentir saudades do que fazia, volte a fazê-lo.*

*Não viva de fotografias amareladas...*

*Continue, quando todos esperam que desista.*

*Não deixe que enferruje o ferro que existe em você.*

*Faça com que, em vez de pena, tenham respeito por você.*

*Quando não conseguir correr através dos anos, trote.*

*Quando não conseguir trotar, caminhe.*

*Quando não conseguir caminhar, use uma bengala.”*

[Obs: Todas as frase entre aspas são ditados populares.]

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA  
DE NEGRI**

Cadeira nº 20 – Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

## O Aniversariante



Era início de dezembro. O menino de rua, que vagava pelas ruas do centro da cidade, estava feliz em seus 8 anos. Nesse mês, as noites não seriam tristes e solitárias e, sim, movimentadas e alegres. As lojas estavam abertas muito enfeitadas, iluminadas, alegrando sua vida vazia.

Perambulava descalço, os pés com as solas grossas e os calcanhares rachados, devido à proteção que a mãe natureza lhe dava, ao

tentar formar uma sola natural resistente ao asfalto escaldante, aos espinhos e cacos de vidro que sempre teimavam em perfurá-la.

Um calção esfarrapado e uma camisa do Corinthians descoberta, onde cabiam dois dele, aconchegavam seu corpo magro com cascão no peito e pescoço onde, ao esfregar os dedos, rolavam “bananinhas” de sujeira.

Todas as noites, uma felicidade preenchia seu ser, ao se misturar com a multidão que andava pra lá e pra cá num entra e sai das lojas e que ele adotara como seus pais, mães, tios, e até mesmo irmãos.

Sempre era encontrado na porta da loja, sentado na calçada, rindo sozinho e assistindo televisão, qualquer que fosse o programa.

As lojas, todas enfeitadas com papais-noéis, árvores de natal, sinos, renas e luzes, muitas luzes multicores piscavam intermitentes.

Ficava um pouco triste quando o relógio marcava 22 horas e as lojas cerravam suas portas, as luzes se apagavam e ele voltava à solidão quando o último transeunte deixava a rua.

Deitava no papelão debaixo da marquise, tirava os dois braços das mangas e enfiava-os para dentro da camisa do Corinthians, bem junto ao corpo, pois este dezembro à noite estava um pouco frio para quem ficava na rua. Nada, porém, insuportável.

Naquele dia, uma tristeza imensa tomou conta do pequeno. As pessoas passavam apressadas e mais alegres do que nunca. Notou que as lojas começaram a fechar mais cedo e ainda com o sol brilhando. Às 18 horas já não havia nenhuma aberta e ninguém perambulando pela rua. Lágrimas correram dos seus olhos tristes. Era o dia 24 de dezembro. Só lhe restava se recolher. Notou na sarjeta, onde ficava o carrinho de cachorro-quente, um pão abraçando a sal-sicha com muita maionese. Como estava quase inteiro e só tinha uma mordida, apanhou e o devorou rapidamente, pois estava com muita fome. Foi para seu papelão, tirou os bracinhos das mangas da camisa do Corinthians, aconchegou-os junto ao corpo e dormiu sentado abraçando as pernas.

Começou a sonhar que caía num abismo totalmente escuro, sem nenhuma luz. A queda parecia não ter fim e, de repente, percebeu que tudo ia se iluminando. Luzes etéreas brilhavam intensa-

mente sem ofuscar, cintilando por toda a parte conseguia ver cores vibrantes além do espectro luminoso, além do ultravioleta e aquém do vermelho.

Via anjos brilhantes que acenavam à sua passagem em queda. Não viu nenhum Papai-Noel, nem árvores de natal, nem renas. Sua velocidade de queda foi diminuindo e pairou no ar. Foi suavemente depositado em uma manjedoura dourada, forrada de palhas macias. À sua frente, três reis inclinaram a cabeça quando tocou a palha. Olhou para trás e viu um homem e uma linda mulher, que deduziu serem seu pai e sua mãe. À sua frente, um bolo multi-iluminado por mais de duas mil velinhas era oferecido a ele por um anjo tão refulgente de luz, que até teve que desviar os olhos.

Estendeu os braços, cortou a primeira fatia, que ofereceu à sua mãe. No dia 25, a cidade acordou tarde, e as margaridas, ao iniciarem a limpeza das ruas centrais, encontraram o menino encolhido, enfiado na camisa do Corinthians, morto, intoxicado pela maionese estragada, mas sorrindo.

## **A máscara do urubu**

Fim do ano, época em que eu e minha esposa costumamos ir à praia. Tantos anos que fazemos isso, desde que os filhos eram crianças. O tempo passou e muito rápido.

A cada ano que passava, o diário da nossa vida era escrito.

Os filhos foram crescendo e nas brumas do tempo foram ficando suas épocas de crianças, quando tinham medo das ondas, época da adolescência, quando sumiam pelas cercanias com outros jovens, nos deixando preocupados, quando das fogueiras na praia.

Passou também a época do vestibular, quando não podiam nos acompanhar.

Já adultos, vieram as netas e hoje, ao retornarmos à beira do oceano, eu e minha esposa tivemos que trazer uma das netinhas, pois como seus pais ainda não estão de férias, preferimos trazê-la, mas meio apreensivos, pois poderia acabar com nosso descanso.

Ledo engano, se ela não viesse, teríamos ficado cansados de descansar.

Senti-me uma criança, cavando buracos e fazendo castelos de areia, vendo jacarés nos troncos deixados pelas marés, brincando na piscina infantil, coisas que não teria coragem de fazer se estivesse sozinho.

Num desses dias, um bando de urubus estava correndo pela praia, comendo restos de peixes deixados por pescadores, quando Ana Clara corre atrás de um deles e, chegando bem perto, diz:

– “Vovô, olhe a cara dele, ele usa máscara”?

Realmente, olhando bem a cabeça do urubu, ele parece usar uma máscara de pele negra enrugada, semelhante àquelas dos carnavais de Veneza.

Notei também que no dia-dia eu uso sempre uma máscara, tentando encobrir meus desejos.

Máscara de médico, com o desejo de vencer a morte. Máscara de marido, com o desejo de parecer o melhor homem do mundo. Máscara de pai, com o desejo de simular que tudo sei aos meus filhos.

Uso máscaras de todos os tipos, para todos os desejos.

Esses desejos, no entanto, nos causam sofrimentos, pois nunca somos o que as máscaras deixam transparecer.

Agora, no entanto, vendo a máscara do urubu, vi que eu não usava nenhuma máscara, nem sequer a de avô.

Vi nesse momento a sinceridade entre avô e neta e não usávamos nenhuma máscara, por isso, a felicidade encheu nossos corações.

Não tínhamos nenhum desejo ao correr atrás do urubu, nem ao mesmo queríamos alcançá-lo.

Somente queríamos correr por correr e foi quando o urubu e Ana Clara tiraram minha máscara.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CEZÁRIO DE CAMPOS FERRARI**  
Cadeira n° 12 – Patrono: Ricardo Ferraz do Amaral

## Mudamos muito?

Veza por outra, não é nas páginas da historiografia oficial, dogmática e pretenciosa, que encontramos a medida de quanto mudamos desde que o Brasil se converteu em nação independente.

Mudamos muito?

Nem se fala.

Recentemente, tive oportunidade de aferir essas mudanças via leitura vadia da “Gaveta de Sapateiro”, coletânea de pequenos registros ou instantâneos históricos, originalmente publicados em jornal e que mais tarde o autor, que era o velho Viriato Corrêa, teve a ideia de reunir em volume. Modestamente, ele não se propunha fazer história, mas apenas desenvolver uma modalidade de jornalismo que lhe agradava, evocando, como explica na singela introdução da obra, “miudezas desarrumadas da História Nacional”.

Daí o desprezioso título de “Gazeta de Sapateiro”, na qual, segundo ele, não seriam encontradas “coisas de vulto ou de valia, mas retalhinhos, miudezas, insignificâncias de nossa História”.

Contudo, foi revirando sem pressa e com prazer a sua “Gaveta de Sapateiro” que encontrei as medidas de algumas mudanças que se registraram nas chamadas altas esferas do Brasil, dos primeiros tempos de nação independente aos nossos dias.

Tratando, por exemplo, das despesas e ordenados do Paço Imperial, em 1831, ele nos dá uma ideia bastante aproximada das circunstâncias em que vivia a Família brasileira então situada no topo da hierarquia.

Os servidores diretos do Imperador-menino e suas irmãs, Altezas Imperiais, estavam entre os mais bem pagos do Brasil. Mas, quanto ganhavam? Muito pouco. Recorrendo a registros da época, Viriato esclarece que as damas do Paço recebiam 80\$000 por mês; as





**Princesa Dona Januária de Bragança** (1822-1901), filha do Imperador D. Pedro I e da Imperatriz Leopoldina, casada em 1844 com o Príncipe Luís Carlos de Bourbon-Sicília, Conde de Áquila. Na fotografia, a Princesa aparece com seus filhos Luís e Filipe

açafatas, 60\$000; as criadas particulares, 29\$000; as arrumadeiras, 27\$161; a engomadeira da Família Imperial – Maria Joaquina da Silva – 10\$000; as duas porteiras, 26\$749.

Os calçados de D. Pedro II, à época, não custavam mais que os dos rapazes de sua idade. Uma conta de seu fornecedor, de 1º de julho de 1837, mencionava três pares de sapatos, a 2\$000 cada, e um quarto par “dito de virada, a 3\$000”.

A feroz economia de despesas a que era sujeita a Família Imperial de uma nação pobre é enfatizada, sempre segundo Viriato Corrêa, pela fatura apresentada a 30 de julho de 1833, por dona Anna do Sacramento, costureira das Princesas Imperiais.

A fatura é esclarecedora:

“Importe de costura que tenho feito para a Sereníssima Princesa Senhora Dona Januária, a saber: um vestido de filó preto, para consertar, 1\$280; um vestido de tonquim, para consertar, 1\$000; dois vestidos de cassa<sup>(\*)</sup> bordada, para consertar, 3\$200; duas camisetas de cassa, \$800; cinco vestidos brancos, para consertar, 6\$400...”

Feitos os registros, Viriato Corrêa registra também sua conclusão: “No Paço Imperial a economia era tanta que as princesas mandavam reformar vestidos!”

\* Cassa – tecido transparente de linho ou algodão (Dicionário Cândido de Figueiredo).

E do tempo evocado por “Gaveta de Sapateiro” para cá, como se vê, mudamos muito os hábitos de vida nos altos círculos oficiais.

A mudança não foi apenas no espaço, do Rio de Janeiro para Brasília. Onde se encontraria hoje uma sereníssima cônjuge, filha, mãe, irmã ou cunhada torta de um eventual detentor de poder interessada em mandar reformar um vestido? Afinal, Nova Iorque, Londres, Paris estão a apenas algumas horas de voo, as faturas de gastos são rigorosamente secretas e público é apenas o dinheiro que faz a fortuna de costureiros, joalheiros e peleteiros no decorrer de alegres revoadas ao Exterior, promovidas com uma prodigalidade que seria inconcebível no pobre e austero Brasil de 1831, onde ninguém conhecida a expressão “mordomia” no sentido pejorativo que ela tem hoje.

A “Gaveta de Sapateiro” guardou-nos a medida que permite aferir a grande mudança verificada dos idos de 1830 para cá. Só não mudou o próprio País, tão ou mais pobre do que era na época em que a Princesa Januária recorria às prendas de dona Anna do Sacramento para, modestamente, mandar reformar seus vestidos de filó preto, tonquim, cassa bordada e brancos, como é registrado por Viriato Corrêa, que fez História ainda que sem querer.



---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA  
SILVEIRA**

Cadeira n° 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

## Só as borboletas?

Num jardim florido as rosas sorriam e as orquídeas abraçavam com carinho o tronco do coqueiro que fazia pose, e com toda aquela elegância, se derretia com aquele enlevo. Bem no meio deste jardim as águas límpidas de um chafariz aspergiam milhares de gotas reluzentes, enquanto jorravam para o alto em jatos transparentes.

As borboletas fizeram do lugar sua morada, construindo uma comunidade com leis, seus líderes e operários e princípios próprios. Para aquela comunidade voadora, que se divertia voitando e pousando nas madressilvas, petúnias, papoulas, calêndulas e demais flores multicoloridas, e que sedentas se saciavam dos mais variados sabores de néctar, por exemplo, a expectativa era de que todas as novas borboletas nascidas fossem belas. A cada primavera, sentia-se o ar carregado de apreensão quando as famílias nidificavam naquele paraíso, botando cuidadosamente seus ovos, num berço fofo e perfumado construído de grama e de pétalas macias. Os casulos iam rompendo e nasciam lindas borboletinhas, que já voavam libertas ao lado de suas mães, que ensinavam de tudo, para que suas filhas se destacassem das demais. Matriculavam-nas em escolas de voo, de boa postura, elegância, cultura, onde eram avaliadas, e faziam esforços inaudíveis para ficarem perfeitas, para quando se apresentassem para a bancada legal, que cuidava de escolher aquelas que seriam aceitas pela comunidade. De acordo com a legislação vigente, as mais bonitas seriam aquelas que tinham leves asas azuis e amarelas, asas de cores bem contrastantes, manchadas em magenta e preto, e até algumas com pintas negras que pareciam olhos esbugalhados, que causavam bastante impacto.

As borboletas que não se enquadrassem em beleza, elegância e no ruflar perfeito das suas asas eram relegadas ao ostracismo. Isso gerava depressão, insegurança e perda da autoestima nas condenadas, que se tornavam adolescentes que perderam toda a ilusão e nada mais esperavam da vida. Verdadeiras párias da sociedade, viciadas em néctares alcoólicos e tóxicos, que se isolavam nos esgotos, nos bueiros, e em outros lugares impregnados de cheiros nauseabundos. Com o tempo, acabaram formando um gueto apartado da comunidade, aonde acorriam, pela afinidade do infortúnio, outras borboletas, vindas de outros jardins, e que foram, como elas, também desprezadas.

Como nenhum mundo pode ser perfeito, em compensação as borboletas inseridas nos padrões sociais e instigadas pela comunidade alada para o sucesso, começaram a competir entre si, ao despertar sentimentos de inveja, usura e luxúria, desejos que as faziam procurar elogios das outras borboletas para alimentar os egos exacerbados. Apresentavam-se numa alameda do jardim florido, em desfiles que aconteciam numa passarela acarpetada de folhas verdes brilhantes. Na passarela, abrindo e fechando suas asas, ora languidamente, ora num voo rasante, as concorrentes se entreolhavam com rancor e falta de amizade, enquanto encenavam coreografias de top model, preocupadas só com seu sucesso, para o deslumbramento da multidão, que a tudo assistia, empolgada com a performance, que iria revelar quem era a mais esguia e elegante, quem voava mais alto, quem se vestia melhor e quem morava no local mais belo do jardim.

Assim, a fraternidade que havia entre elas foi sendo anulada, porque seus pais, seus amigos e o povo, todos cobravam esse desempenho para suas vidas, pois todo mundo ali vivia pela Lei de Gerson! Uma borboleta não contava para outra amiga onde havia uma nascente de água fresquinha ou o néctar mais abundante de certa flor rara. Esse não era mais seu objetivo. Seu objetivo era o preconceito de raça, de cor, beleza, peso, idade, cultura e por aí afora.

Muitas borboletinhas se sentiam frustradas na vida, por não se enquadrarem nos padrões, nos anseios que essa lei impunha àquela comunidade. Por isso, todas almejavam um lugar ao sol e, assim, perdiam o melhor da vida no afã de competir, ao invés de viverem

tranquilamente, usufruindo do amor recíproco e repartindo as delícias da natureza dadivosa que Deus lhes oferecia.

Assim, como a vida delas era efêmera, perderam-na sem proveito algum, sem usufruir do amor fraterno, sendo levadas a cometer os pecados capitais.

Nasceram para melhorar o mundo e assim não fizeram. E nós?



---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EVALDO VICENTE  
Cadeira nº 23— Patrono: Leo Vaz

## Como heróis não imortais!

Num apego não de especialista a Dom Quixote e a Policarpo Quaresma, mas de quem gosta de acompanhar a história e as histórias da literatura, penso, das últimas manifestações populares, em heróis não imortais. Que não passem simplesmente à história como uma das histórias a mais na vida da comunidade brasileira, e que sejam idealistas, que não abdicuem dos seus ideais, que façam triunfar a justiça. Que, afinal, não fujam dessas posições claras e objetivas com que foram e, por serem idealistas, certamente voltarão às ruas quantas vezes forem necessárias.

A relação do personagem do espanhol Miguel de Cervantes, que era Alonso Quixano e virou Dom Quixote de La Mancha, tem muito a ver com o personagem central de O Triste Fim de Policarpo Quaresma, do brasileiro Lima Barreto, este que teve esperanças no Brasil entre fins do século XIX e começo do século XX, no então neófito sistema republicano presidencialista. Se o ideal é ideal de herói que sucumba pela e para a justiça, mesmo que seja um “triunfo entre moinhos de ventos” (Dom Quixote) ou “numa ditadura militar” (Policarpo Quaresma).

Hoje, os manifestantes não estão entre moinhos de ventos nem em ditadura militar e já se encontram num envelhecido sistema republicano presidencialista. O Policarpo Quaresma de hoje e o Dom Quixote estão, ambos – que existam, sim! – diante das hipocrisias, que dominam o sistema político, econômico e jurídico, que envolvem o Brasil num emaranhado de caminhos, de formas e de meios pelos quais já se separam duas classes: a que está no governo e a que está fora do governo.

Há Quixotes e há Policarpas Quaresmas por todos os cantos, não se duvida, hoje. Mas se conseguirá encontrá-los, quando os ânimos se acalmarem, e o manifesto será mesmo além de passagens



de ônibus, além de combate à inflação, muito além do que o atual sistema não consegue oferecer?

Para os políticos (Legislativo), é fácil administrar projetos, passando nas Casas de Leis o que lhes interessa, votarem em secreto; para economistas (Executivo), é também fácil administrar orçamentos, impondo regulamentos que garantem o caixa pomposo e que não se importam com a dívida social; para administradores da justiça (Judiciário), basta-lhes a burocracia em que só burocratas vencem e o comum do povo perde-se em exigências.

Policarpo Quaresma não conseguiu na primeira década do século XX; conseguirão os heróis da primeira década do século XXI? É como se a massa estivesse entre moinhos de ventos ou ditadura da hipocrisia política que se avoluma conforme o número de eleitos a cada ano par, já de longa data. Por que não nos anos ímpares, para mais eleições, com renovações de um terço em um terço, de maneira que o eleitor consiga depurar seus representantes? Mandatos menores e mais eleições, com um sistema republicano parlamentarista, por exemplo? Postergar, como fuga, a reforma política no Brasil é síntese de covardia e hipocrisia de políticos: por que não o voto aberto em qualquer situação no Parlamento?

As perguntas continuam desde a Proclamação da República, em 1889: o que é preciso ser feito para que o Brasil vá para frente e melhore para seu povo? Se os heróis não forem imortais, persistindo em seus ideais para triunfar o que é justo, para encontrar um caminho entre os hipócritas, tudo volta à calmaria, sem ventos, sem mudanças, sem ações, como se nada tivesse acontecido mais do que o desconto de centavos no transporte público, sem Quixotes e sem Policarpus Quaresmas.

É que, em síntese, o Brasil tem, mercê de governos circunstanciais, um Estado feliz, mas descontente, porque não lhe faltam ganâncias; e um povo descontente, mas feliz, porque lhe sobram oportunidades para ter Dom Quixotes (“Quando se sonha sozinho, é apenas um sonho. Quando se sonham juntos, é o começo da realidade”) e Policarpus Quaresmas (“Quem vai mesmo contra o governo para defendê-los?”), heróis não imortais que devem – ou deveriam – ir até o fim em seus ideais.

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA LEME  
Cadeira n° 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto

## Paz, Esperança e Fé

Paz ao irmão,  
Cançado na vida.  
Abrindo coração,  
A sua querida.

Esperança,  
Ao sonhador.  
Sorriso criança,  
Despertando amor.

Fé e união,  
Vitória triunfal.  
Momento de emoção:  
É Natal !

## Boa noite, saudade

Boa noite,saudade!  
Você chegou de mansinho.  
Nem viu que a felicidade,  
Fez de meu leito,seu ninho.

Seja bem vinda, mesmo assim,  
Mas não faça aqui seu cais.  
Não tenha piedade de mim,  
Pois falta , você não me faz.

Você está triste, saudade?  
Estou com pena do seu padecer.  
Mas sinto que na realidade,  
Sem você ,não sei viver.

## O Poeta

Por onde andas, poeta?  
Volta pra nos falar da flor.  
Tua sensibilidade nos afeta ,  
Em ti tudo é amor .

No riso da criança ,  
No caminhar por uma estrada.  
Há um resto de esperança ,  
No olhar da moça apaixonada.

Tua vocação tem tantas magias,  
O teu dom é muito pertinente.  
Fala-nos das tuas lindas poesias,  
Volta ,poeta.Volta pra tua gente

## Poema do Adeus

Parto sem me despedir,  
Luto para não mais voltar.  
Sem destino para onde ir,  
Com a esperança de chegar.

Como um poeta solitário  
Ou como andante perseguido.  
Faço da vida um calvário,  
Vivendo já quase esquecido.

Fazer deste poema alegria,  
Com lágrimas nos olhos meus  
Poetizada suave sintonia,  
Declamando: Poema do Adeus.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FRANCISCO DE ASSIS FERRAZ  
DE MELLO**

Cadeira n° 26 – Patrono: Nelson Camponês do Brasil

## **Bandeira Branca**

Eu quero a paz das noites estreladas  
No recôndito seio do sertão  
Aquele que restaura o coração  
Dos que acreditam nas visões sagradas.

Eu quero a paz das mentes concentradas  
Num Deus, qualquer que seja a religião  
A paz de um São Francisco dando a mão  
Ao peregrino roto das estradas.

A paz, esse anjo branco da esperança  
– A candura do santo ou da criança  
Que não sabe, sequer, que existe o mal.

Eu quero a paz ideal, a mais sublime,  
Que os fantasmas dos crimes extermine:  
A do sagrado amor universal.

## **As minhas estações**

A primavera, pobre, de criança,  
Passei-a sem ter pão em minha mesa.  
Mas fui feliz, bem longe da riqueza,  
Elevei a bandeira da esperança.

Quando o verão chegou, e sem tardança,  
Comecei a lutar a luta acesa.  
O coração repleto de pureza  
E a decisão na ponta de uma lança.

No outono, o prélio foi de um gigante.  
Não tive de sossego um só instante.  
De calos salpiquei a minha mão.

A luta ainda continua intensa  
E irei brigando pela estrada imensa  
Até o final da última estação.

---

## COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA

Cadeira n° 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

### Conhecendo a lenda de Narciso

Narciso é um personagem da mitologia grega ligado a uma famosa fonte de Tespies, conhecida como fonte de Narciso. Existem duas versões a seu respeito.

Segundo a primeira e também a mais difundida, Narciso era filho da ninfa Leroipe e de Sefises, rio da Escócia. Foi fervorosamente amado pela ninfa Eco que, todavia, jamais conseguiu o seu amor. O adivinho Tirésias havia vaticinado que, se ele dividisse a própria imagem, fatalmente morreria. E foi o que aconteceu. Certa vez, peregrinando pela floresta, Narciso aproximou-se de uma fonte. Desejando beber água, Narciso viu refletida na água a sua própria imagem. Seduzido por sua imagem, ali permaneceu contemplando-a, até se consumir. Do seu corpo nasceram raízes e ele se transformou na flor conhecida por seu nome. O vaticínio de Tirésias fora cumprido.

Noutra versão, relata-se que a ninfa Eco, desgostosa por não alcançar o amor de Narciso, refugiou-se entre cavernas e rochedos, e foi castigada por Juno, esposa de Júpiter, a repetir as últimas palavras dos que perto dela pronunciavam frases. Esse castigo foi imposto por Juno, após ter descoberto que Eco contava longas histórias aos deuses, entretendo-os para que não vissem Zeus partir do Olimpo em busca de suas aventuras amorosas.

A figura de Narciso simboliza o enamorado de si mesmo, o vaidoso, o convencido de suas virtudes e qualidades. Este, aliás, é o significado da palavra “narcisismo”.

## **Conhecendo a lenda de Ártemis**

Ártemis é divindade da mitologia grega, correspondente à Diana da mitologia romana, considerada a deusa da Lua. Era filha de Zeus e Leto e irmã de Apolo. Nasceu na ilha de Delos e utilizava um arco mágico, para caçar cervos, os quais perseguia em grande velocidade.

Era considerada uma deusa vingativa e muitos sofreram com sua ira. Um dos seus primeiros atos foi matar os filhos de Niobe. Enquanto Apolo caçava os seis filhos homens, Ártemis perseguia e matava as seis filhas mulheres, como vingança por eles terem ofendido sua mãe Leto.

Outra vítima de Ártemis foi o caçador Ácteon, por tê-la surpreendido quando se banhava no rio.

Também derrotou o dragão que estava aterrorizando a vila onde residia sua mãe; e mais tarde, com a ajuda de Hércules, derrotou o gigante Gration. Também derrotou o monstro Búfago, devorador de bois, em Arcádia.

Outro episódio envolvendo Ártemis ocorreu quando, na Guerra de Troia, Agamenon abate uma corça e exclama que “um tiro tão bom nem Ártemis seria capaz de fazer!” A deusa ficou irritada e retirou os ventos da frota grega. Agamenon teve de oferecer a própria filha, Ifigênia, em sacrifício para apaziguar Ártemis, embora na maioria das versões a deusa, no último instante, consentiu em trocar a filha de Agamenon por uma cervas.

O templo de Diana, em Éfeso, era uma das sete maravilhas do mundo antigo.

## **Relação entre a mitologia e as ciências**

Vários nomes de entidades da mitologia greco-romana são também empregados como nomes científicos. Vejamos alguns exemplos:

### **A. Astronomia**

1. Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão: a) Nomes de divindades mitológicas; b) Nomes de planetas do sistema solar.

2. Andrômeda, Centauro, Hércules, Hidra, Pégaso, Sagitário, Unicórnio: a) Nomes de entidades mitológicas; b) Nomes de constelações estelares.

### **B. Biologia**

1. Musa: a) nome de entidade da mitologia grega; b) nome de um gênero de plantas ao qual pertence a bananeira (*Musa paradisíaca*).

2. Nínta: a) nome de entidade mitológica; b) fase da metamorfose dos insetos que precede ao adulto.

3. Medusa: a) personagem da mitologia grega; b) animal marinho pertencente ao ramo dos celenterados.

### **C. Química**

1. Mercúrio: divindade da mitologia romana; b) elemento químico metálico, único metal líquido à temperatura normal.

## **Conhecendo os significados da palavra fênix**

A palavra fênix é utilizada com vários significados, conforme se vê a seguir.

1. Folclore medieval. Ave fabulosa que, após viver vários séculos, se expunha aos raios solares, que a matavam. De suas cinzas surgia um ovo, do qual nascia uma nova ave.

2. Mitologia grega. Personagem mitológico, filho de Agenor e Telefasa; foi o fundador da Fenícia.

3. Literatura. Pessoa ou coisa rara, única no seu gênero e superior a todas as outras.

4. Botânica. Gênero de palmeiras (*Phoenix*), que compreende a tamareira e outras espécies ornamentais.



5. Entomologia. Nome vulgar de uma borboleta da família dos Esfingídeos.

6. Avicultura. Variedade de galo do Japão, cujas penas da cauda atingem grande comprimento.

7. Astronomia. Nome de pequena constelação austral.

8. Geografia. Nome de uma ilha do Pacífico central.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM**  
Cadeira no. 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

## **Uma história nunca dantes contada!!**

As LETRAS já vinham desassossegadas há muitos meses. Quiçá, anos! Desde que elas começaram a ouvir falar em mais uma reforma ortográfica, a tranquilidade delas se foi. Era comum encontrá-las, aqui ou ali, conversando sobre o assunto, sempre sem alarde, pois não queriam agitar muito, com medo de uma forte reação dos formuladores das alterações, que eliminasse qualquer possibilidade de eventualmente se organizarem, para combaterem essa ideia ridícula e desnecessária.

Algumas LETRAS, mais conhecedoras do passado, não cansavam de criticar também as demais reformas ortográficas da língua portuguesa, havidas no decorrer das últimas décadas, todas, por elas, consideradas inúteis. Pois bem, uma vez mais, foram surpreendidas. Aliás, o andamento desse Acordo ficara mais difícil de ser acompanhado de perto, pois, fora discutido furtivamente em reuniões pouco divulgadas pela mídia sempre atenta. As LETRAS não tiveram o privilégio de compor o grupo de ilustres intelectuais escolhidos para representar o Brasil nos encontros realizados para tratar da matéria e que receberam bilhetes para as viagens aéreas, hospedagem em bons hotéis, restaurantes da melhor categoria etc. Aliás, essa era uma das críticas mais acerbadas que faziam: havia esbanjamento de verbas públicas para tratar de questões de somenos importância para a vida do Brasil e do seu povo.

É verdade que faltou também mais força de vontade e uma boa liderança, dentre as LETRAS, para encabeçar uma rebelião contra a dispensável reforma ortográfica. Houve, igualmente, certa negligência ou descuido, pois, mesmo sabendo que o Acordo a qualquer momento poderia vir a ser firmado e, assim, em pouco tempo entrar em vigor, uma vez que tudo já estava acertado, no fundo, no

fundo mesmo, as LETRAS achavam que isto não ocorreria, sobretudo no Brasil, país que nunca teve pressa em implantar tantas outras reformas muito mais importantes, como a política, a eleitoral, a tributária, a agrária, para ficar em apenas alguns exemplos.

As LETRAS se enganaram redondamente. O então Presidente da República, que de língua conhece pouco, foi mais rápido do que o esperado. Como tem compulsão por aparecer na mídia, em viagem à Europa, aproveitou para fazer uma escala em Portugal, para assinar o Acordo Ortográfico, o que não foi nada mal, como “marketing” pessoal e político. Supunha, assim, agradar também os intelectuais e os “imortais”, interessados na aprovação desse documento. É certo que, mesmo em vigência, ainda haveria prazo para se tornarem obrigatórias as novas regras, pois como fazê-lo de imediato, se nem o governo se preparara para colocá-las em prática? Contentes ficaram, por exemplo, os editores de livros didáticos e dicionários, que acabaram ganhando muita encomenda e grana por força de pífias alterações na grafia do vernáculo.

Cabisbaixas, desesperançadas e mesmo não crendo em sucesso, as LETRAS esboçaram um movimento sub-reptício, quase clandestino, que foi crescendo, com a ajuda da internet e das redes sociais, visando à organização de um grande encontro para debater a reforma ortográfica. O que mais machucava as LETRAS era o fato de não terem sido convidadas, com despesas pagas, para as reuniões antes realizadas no exterior e no país, para tratar da matéria. Afinal, o que se praticara era um autoritarismo inaceitável e incompatível com a democracia brasileira, ao deixar de lado as LETRAS, quem mais entendia do riscado, e sem dúvida as maiores interessadas, uma vez que as mudanças mexiam com suas vidas e seu ingente trabalho.

Algumas LETRAS pensaram em manifestações de rua, mas tiveram receio de não conseguir adesão para esse tipo de protesto, nem sempre bem recebido pela população e sujeito à infiltração de mascarados violentos. Estudaram a possibilidade de fazer abaixo-assinados, algo hoje em dia desmoralizado como processo reivindicatório, que acabou não tendo aceitação. Mesmo a greve não teve adeptos, diante do prejuízo que poderia causar às mídias, aos leitores, aos intelectuais, às empresas. O que estes fariam sem as LETRAS? Seria um caos. Não queriam assumir a responsabilidade des-

se estrago. Prevaleceu, então, a sugestão de realização de um grande evento, apesar da descrença da maioria. Serviria, no mínimo, para marcar posição. O encontro acabou acontecendo. Foi uma semana de inflamados debates. O local escolhido, por razões óbvias, foi São Thomé das Letras, e não a sede da Academia Brasileira de Letras, pois sabiam de antemão que nela não encontrariam respaldo, nem apoio e, além do mais, seria "locus" muito suntuoso e ostensivo para um grupo que, naquele momento, não queria aparecer.

Infelizmente, o evento, no seu desenrolar, foi desolador. Depois de superadas questões como local, data e duração para sua realização, que estressaram as LETRAS organizadoras, surgiram outras, bem mais complicadas, como a da representatividade e legitimidade das representantes, o número destas e como se daria a escolha das delegações, que deveria levar em conta a representação de gêneros, etnia, religião, lugar de origem etc. Enfim, houve a necessidade de superar preconceitos, fazer concessões, desagradar muita gente e assim por diante. Uma norma estranha foi aprovada: apenas LETRAS maiúsculas poderiam ser delegadas ao conclave. Também se decidiu evitar o uso de trajes mais sofisticados como o Rockwell, Algerian, Franklin Gothic e outros pouco conhecidos da tipologia gráfica. Surgiu um problema, logo superado, com as três LETRAS consideradas alienígenas (K, W, e Y), que se recusavam a comparecer, alegando haver preconceitos contra a presença delas, dada a sua origem estrangeira. Discutia-se, também, se o peso dos votos das vogais, que se julgavam mais importantes, seria o mesmo das consoantes. Aqui o bom senso prevaleceu: os votos seriam equivalentes. Uma decisão muito antipática e criticada foi o veto ao comparecimento dos sinais gráficos (a vírgula, o ponto, o hífen, o til, os dois pontos, o ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o de exclamação e outros), que protestaram alegando que precisavam defender o colega chamado trema, proscrito do idioma português pela reforma ortográfica.

Tudo resolvido, o conclave instalou-se no dia e hora marcados, com o cântico do hino nacional brasileiro e os discursos protocolares de praxe. Uma dificuldade, antes não pensada, surgiu às vésperas da abertura: quem presidiria a Assembleia? A primeira LETRA a se apresentar, pleiteando essa honraria, foi a LETRA E, que fundamentava seu pleito no fato de ser a que mais aparecia nas

palavras do vernáculo, bem como a que mais trabalhara na organização do conclave. Teve de enfrentar a LETRA A, que se julgava no direito de presidi-la porque era a primeira letra do alfabeto. Diante de tão fortes candidatas, outras menos prestigiadas desistiram de concorrer, passando a apoiar uma dentre as LETRAS candidatas. No voto venceu a LETRA A, considerada mais simpática do que a LETRA E.

Infelizmente, com uma agenda bastante longa e eclética, que contemplava temas controversos e polêmicos, além das enormes divergências entre os participantes, muitos dos quais estavam ali mais para defender seus próprios interesses, do que refletir e decidir sobre a reforma ortográfica, tornou o evento improdutivo e inócuo. Algumas críticas pesadas, registradas no texto final, aludiam ao fato de as LETRAS não terem sido consultadas sobre o Acordo; às alterações desnecessárias em algumas regras que sempre existiram; aos portugueses que puxaram a brasa para suas sardinhas; ao tempo gasto no debate sobre o uso do hífen e ao pouco relevante desaparecimento do trema.

Paralelamente, ocorrências interessantes ou discussões curiosas foram notadas. Vale a pena relatá-las, mesmo levando-se em conta o fato de serem extra pauta. Logo no começo, observou-se que as LETRAS K, W e Y estavam sempre juntas para se defenderem das críticas e do “bullying” daquelas LETRAS nacionalistas, que achavam ter sido equívoco e desnecessidade a volta delas ao alfabeto da língua portuguesa, uma vez que NES-TE há outras que suprem perfeitamente o papel que agora lhes caberia, estabelecendo uma absurda disputa de espaço. Surgiram outras discussões, por exemplo, entre a LETRA X e as LETRAS CH (quando em dupla), que covardemente se juntavam para fazer frente a sua desafeta. Aliás, a letra X era também combatida, pois se dizia que a junção de duas letras SS (máximo), CH (chícara) dava bem conta do recado, em muitas situações. Havia também os que condenavam as várias pronúncias da LETRA X, que só trazem confusão. A LETRA Z igualmente sofreu assédio moral, pois diziam algumas colegas que a letra S podia facilmente substituí-la. Criticava-se a LETRA H, considerada dispensável na maior parte das vezes, esquecendo-se algumas colegas que ela cumpria papel importante quando se juntava à letra N. Mas riam dela, perguntan-

do o que ela faz na palavra “companhia”, quando nem pronunciada é. Houve também questões que envolveram as LETRAS G e J, o C e S, o K e Q, que alguns, mesmo não estando na pauta, queriam discutir. Contudo, essas e outras discrepâncias não geraram tanta discórdia e confusão como no caso da alteração nas regras do uso do hífen, que ninguém conseguiu entender, dadas as inúmeras exceções e desarmonia em suas novas regras. E é preciso registrar a tristeza, que se transformou em saudade, com o desaparecimento do simpático tremã, ultimamente um tanto quanto desprezado, talvez por ser desconhecido da população em geral, que deve ter gostado de sua proscricção, pois é um erro a menos a cometer dada sua inexistência.

O evento, pouco proveitoso, teve, no entanto, o mérito de abrir a discussão sobre questões nunca dantes abordadas. Duvidando de tão cedo haver clima para outra reunião dessa natureza, as LETRAS resolveram continuar na luta para o desfazimento do Acordo Ortográfico, mesmo que esse objetivo só venha a ser alcançado na eternidade. E se despediram, rindo daqueles que já estavam pensando para escrever corretamente, conforme as novas regras ortográficas.



---

## COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE NEGRI

Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

### Auschwitz

No trajeto entre as cidades de Cracóvia e Varsóvia, na Polônia, passa-se pelo antigo campo de concentração nazista “Auschwitz”.

Todos nós estudamos nos bancos escolares sobre esse período negro da história e sobre o horror do holocausto. Jamais conseguiremos compreender tanta maldade, tanta injustiça, tanto ódio racial e religioso. Humanos massacrando seus próprios irmãos.

Na porta de entrada do campo, a frase irônica: “O trabalho liberta”. Entrar nesse local, que se transformou em museu, e lembrar os acontecimentos é algo aterrorizante.

O inverno lá é rigoroso, com temperaturas bem abaixo de zero, chegando a 40 graus negativos, com muita neve e ventos fortes. Não havia lenha suficiente para todos os aquecedores e nem roupas quentes para os prisioneiros. A lenha ia para os fornos que incineravam os corpos dos milhares de mortos diariamente. E a que sobrava era prioridade para os compartimentos dos oficiais nazistas.

Não há como não se emocionar ao caminhar por aqueles corredores estreitos e escuros, repletos de milhares de fotos dos judeus mortos, homens, mulheres e crianças. Conta-nos o guia que, assim que chegavam, cortavam-lhes os cabelos, davam-lhes a roupa listrada e as pessoas recebiam um número. Sua identidade era literalmente roubada. Eram apenas números, sem família, sem pertences, sem dignidade, vivendo em condições insalubres. A ração diária era de 200 calorias, o que os deixava subnutridos, depressivos e sujeitos a doenças. Homens e mulheres inocentes, destituídos de tudo, que não eram culpados de nada, submetidos à paranoia de um líder insano.

Em Auchwitz, a história está presente em tudo, viva, pulsante, nos objetos pessoais dos condenados, nas malas com seus nomes,



nas pilhas de sapatos e montanhas de cabelos das mulheres. Disseram-nos que aproveitavam os fios mais longos para colocar nas tramas dos casacos dos oficiais para torná-los mais quentes, pois na Polônia faz frio a maior parte do ano.

Idosos, crianças e deficientes eram logo descartados, assim que chegavam. Só os adultos mais fortes eram colocados para trabalhos forçados. Muitas grávidas e crianças eram enviadas para as terríveis experiências científicas, mas que não tinham base científica alguma. Melhor sorte tinha quem ia para as câmaras de gás do quem era obrigado a se submeter como cobaia humana às atrocidades. Experimentos feitos sem anestesia, dolorosos, que duravam horas de tortura, como amputação de partes do corpo, quebra de ossos e retirada de tendões. Pouquíssimos sobreviviam.

Numa ala encontram-se pilhas de malas ainda com os nomes dos seus proprietários. Noutra, são milhares de sapatos empilhados. O mais triste são as montanhas de sapatinhos infantis, botinhas de bebês, sandalinhas, não há como não derramar lágrimas ao imaginar o pavor dos pequenos ao serem separados de suas mães.

O lugar mais arrepiante é a sala dos “banhos”. O guia pede para que entremos em silêncio em memória daqueles que sucumbiram naquele local. Algumas pessoas mais sensíveis passam mal e não entram no compartimento, devido à aura pesada que paira ali, onde se realizavam os extermínios em massa. A porta é estreita e ninguém nunca saiu vivo de lá. Os corpos iam direto para os crematórios. Eram cerca de oito mil incinerados diariamente.

O holocausto é uma página da história que jamais deve ser esquecida, um alerta para que as futuras gerações fiquem cientes e jamais se repita esse horror na história da humanidade.

## **Mundo mágico**

Na infância, interagimos constantemente com o “mundo mágico”. Ficamos longo tempo observando o lento caminhar de uma lagarta, o vai e vem das formigas cumprimentando-se ao se

cruzarem, tocando-se com as anteninhas e conseguindo transportar folhas e gravetos bem maiores do que elas.

A chuva, para uma criança, é um espetáculo à parte. Dá vontade de correr sob ela sentindo os pingos gelados na face até encharcar os cabelos, caminhar pelas enxurradas imaginando-as um rio caudaloso.

Lembro-me de certa vez, lá pelos 5 ou 6 anos, ter presenciado uma chuva de granizo e conseguido capturar uma pedrinha de gelo que ficou intacta no gramado do quintal. Coloquei-a na boca e me senti nas nuvens, pois estava degustando uma pedra de gelo lá das bandas dos anjos e arcanjos, um gelinho que caiu direto do céu!

Penso que as crianças, por estarem ainda impregnadas do divino que acabaram de deixar para virem ao mundo, se extasiam com sua essência, mas à medida que vão crescendo, e se tornando adultos, vão perdendo essa conexão e se distanciam do mundo encantado. Então, ficam com nojo das lagartas, não enxergam arco-íris no caldo da sopa, pisam nas formigas e fogem da chuva por medo de pegarem resfriados. Pronto, acabou-se o encanto. Adentra-se ao obscuro, inosso, estressante e competitivo mundo dos adultos.

Só quem tem alma de poeta consegue permanecer no mundo mágico que as crianças habitam e os loucos frequentemente visitam.

Gosto de fazer caminhadas bem cedo, quando o ar ainda está fresquinho e dá para sentir o perfume do mato umedecido pelo orvalho da noite.

Outro dia, ao iniciar a caminhada, vi uma lagarta se contorcendo numa pequena poça de água no cimento. Antes que se afogasse ou alguém a esmagasse, peguei-a com o auxílio de uma folha e coloquei-a num lugar seguro em meio às folhagens. Prossegui feliz em minha caminhada pensando: "salvei uma borboleta!". Muitos poderiam dizer: "E daí? São milhões de lagartas neste planeta!". Mas para ela, eu fiz a diferença.

E assim, as crianças crescem e, ao se tornarem adultas, vão perdendo a capacidade de se extasiarem com a beleza das coisas simples da vida. E tudo passa a ser complicado. A mente se ocupa de negócios, de cifras, de porcentagens, de cotação de moedas, e fica tão cheia que nada mais cabe. Os olhos se tornam cegos, os ouvidos

não ouvem, o olfato nem sente os perfumes da natureza, só farejam dinheiro. A boca não recita versos e nem canta cantigas que faziam parte do “mundo mágico”.

Mas quando os adultos se tornam avós, algo extraordinário acontece. O “mundo mágico” vai reaparecendo. Reaprendem com os netos a enxergar as belezas da vida, a ouvir estrelas, a brincar com lagartas e formigas e a correr na chuva. O arco-íris volta a colorir o caldo da sopa e o tempo parece não correr tão depressa.

Pena que o encanto da vida, tão presente no início, só volte nos últimos passos da jornada. Quanto tempo é desperdiçado com futilidades, guerra de egos, disputa de poder, ganância e vaidades tolas.

O Pequeno Príncipe estava certo quando dizia: “O essencial é invisível para os olhos. Só se vê bem com o coração”. No desenho dele, “pessoas grandes” enxergavam um chapéu, mas as crianças viam claramente a jiboia engolindo um elefante. Conclui-se que só quem vive no “mundo mágico” sabe decifrar desenhos infantis.

Viver no “mundo mágico” é enxergar com os olhos da alma, é ser eterna criança.

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO BAPTISTA DE SOUZA  
NEGREIROS ATHAYDE

Cadeira n° 34 – Patrono: Adriano Nogueira

**Vestígios**  
**(sem verbo)**

A flor murcha  
de pétalas mortas  
nas páginas do livro empoeirado  
Vestígios, apenas vestígios  
da cor, do perfume  
da vida já extinta.

O livro esquecido  
de páginas mortas  
abandonadas  
Restos, apenas restos  
da pétala exangue  
das emoções envelhecidas  
dos sonhos apenas começados  
asfixiados para sempre em reticências...

Livro e flor, abandonados, mortos.  
Símbolos silenciosos  
quais mãos entrelaçadas  
dadas  
para um passeio melancólico  
ávido de esperanças

Por paisagem, no entanto  
sob cinzas revolvidas  
somente o quadro decomposto  
    esfumaçado  
    ...e os fragmentos  
    das ilusões perdidas  
no compasso do tempo.

## **Inexorável**

Nós temos só o tempo  
    que nos resta  
Restos de tempo  
restos de sonhos  
    machucados  
    lívidos  
Restos cobertos de pó  
    da caminhada  
Encantos e desencantos...  
    Restos de tempo  
no tempo que ainda nos resta

No final  
apenas uma réstia de luz  
    crepitando  
por entre os restos  
da velada elegia

## **Mensagem das flores (1972)**

Oh! Lindas flores, levai em vossos copos  
O mel de amor, a recender perfumes  
Derramai cores cintilantes, puras  
E a leve brisa que trazeis dos numes.  
Sede um poema de amor, banhado  
Das luzes claras do jardim celeste  
Sede as estrelas rutilantes, fúlgidas  
Que o véu da noite, vaidoso, veste.  
Sede canção serena, embalando preces  
Nas noites calmas de um mundo novo.  
Levai a oração do amor sublime  
Distanciada do bramir do povo.

Eu quero que leveis à minha amada  
Um beijo de amor ardente, estreito.  
E digais ao ouvido daquele anjo  
Do fogo enorme que me queima o peito.

.....

Podeis ir, portanto, flores meigas  
Enquanto eu fico cismando num dilema:  
Não sei se estou mandando flores entre versos,  
Ou se os versos são as flores de um poema.

## **Minha musa voltou...**

### **I**

Minha musa voltou, trazendo flores n'alma.  
Voltou sorrindo, em sua forma antiga  
Voltou vibrando sua formosa lira  
Voltou cantando sua canção amiga.

Na sua ausência (que inverno longo!)  
Vasto silêncio (que mudez tão fria!)  
Na sua ausência morreram tantos sonhos  
Morreram tristes, como o fim de um dia.

Ah! Que letargo, enfim, do qual desperto  
Sentindo a música que, da vida, se evapora  
Não mais silêncio, nem mudez esqualida  
... a minha musa não vai mais embora.

### **II**

Ela voltou, pra derramar seu canto  
Como orvalho de luz, sobre o Universo.  
Veio chorar, no pranto deste mundo  
As pérolas de sua dor... em pobres versos.

## Perplexidade

A madrugada, densa em trevas, estagnava  
O sono plantado em minha frente.  
Os ruídos noturnos silenciados  
nenhuma paisagem nos visos do horizonte.  
O relógio parou nas horas vagas  
sem tempo pra marcar nos seus quadrantes.  
A brisa imóvel, esqualida, transida  
sentiu-se asfixiar n'alguns instantes.  
As luzes do céu e as da cidade  
sem brilho, pareciam olhos baços,  
e os rios e os lagos, imóveis, sem reflexos  
afogavam-se em teias de sargaços.  
Depois...Não havia depois...Não houve antes,  
e o agora se abismava condensado,  
e a muda inquietação sobrepairava  
meu coração exangue, esvaziado.  
A treva sufocava. E o silêncio,  
mesmo o silêncio parecia estremecer  
... e no vácuo sem fim das horas mortas  
o dia recusava-se a nascer.

?

Mais que um grafismo talvez  
Mais que o traçado sinuoso  
na brancura da página  
Mais que a perplexidade  
do verbo emudecido  
nos escombros da alma  
Mais, muito mais...



Talvez um signo da infinitude  
lembrando  
o incomensurável  
das nossas dúvidas  
tantas  
de todos os dias  
de todos os tempos  
de todas as vidas

## **Caos e poesia**

A alma  
a alma cheia de poesia  
que vem de todo canto  
inundada do silêncio das horas  
mortas, talvez  
mas longas  
e intermináveis

As palavras jazem perdidas  
infinitamente impotentes  
para traduzir o silêncio  
e explicar essa longa morte das horas  
enclausuradas, asfixiadas  
nos devãos do tempo

E o silêncio permanece  
diluviando palavras  
pensamentos  
e cismas

Largo naufrágio esse  
tragando o tempo  
as imagens  
e as horas

sobre o caos, no entanto  
flutua a poesia  
aninhando-se, incólume  
nas dobras aveludadas da alma

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF  
Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente José de Moraes

## Retratos de vida

O fato é verídico, ocorreu na década de 70. Os nomes dos envolvidos foram alterados por razões óbvias.

Os ponteiros do relógio ficaram mais lentos no final daquela tarde de muito calor. O tempo não passava para os funcionários daquela repartição pública. Olavo Casqueiro, arquivista público, movimentava-se de um lado para outro, num interminável passeio. Sorriso dependurado no rosto, andar gingado, sapato macio, camisa social com as mangas arregaçadas soltas por fora da calça. Os cabelos negros pareciam estar sempre empastados de brilhantina, formando um imenso topete. Até mesmo a sempre carrancuda chefe da repartição, Dona Deolinda, estava entregue ao sabor de mesmice reinante no ar. Como chefe, sugeriu a Olavo:

– Conte aos meninos aquela sua história. Conte, Olavo!

Meninos, era um grupo de estagiários que seguiam o ritmo daquele departamento.

Sentaram-se todos em volta de uma mesa e Olavo passou a narrar.

Ele era motorista, pilotava um Fusca de chapa branca, veículo oficial, a serviço dos funcionários que necessitavam se deslocar para atender as funções do departamento. Todo final de tarde, ele e o compadre Tião, também motorista como ele, paravam no boteco do Mané Português para tomar umas “brejas” (era assim que eles chamavam a cerveja estupidamente gelada). Uma sexta-feira, final de expediente, antes de recolher o veículo à garagem Olavo e Tião bebiam animados o precioso líquido. Após muita animação, catalisados pelo álcool, surgiu a brilhante ideia, e Olavo disse:

– Tião, com esse calor um banho de mar seria muito bom!

Tião respondeu:

– Ia ser uma delícia, mas em São Paulo não tem mar!

Olavo retrucou:

– Tião, “ocê” recolhe a sua viatura e nós vamos de Fusca até Santos, é logo ali, compadre! A vida é para ser vivida!

Dito e feito. Algum tempo depois os dois desciam pela rodovia Anchieta rumo a Santos. Felizes e gargalhando, sem medir as consequências.

Logo estavam na Baixada Santista, e decidiram parar em um quiosque à beira da praia para tomar mais uma “breja”, já embalados pelo clima de festa dos turistas, muita gente passeando pelas calçadas. O único problema era achar vaga para estacionar o veículo. Tião sugeriu:

– Compadre, põe a viatura em cima da calçada, é chapa branca.

Assim foi feito. A noite estava agradável.

– Isso é que é vida! – disse Olavo.

– Vidão! – arrematou Tião.

As ondas do mar eram um convite para um banho. Noite escura, ninguém iria perceber que os dois tinham deixado suas roupas no carro e usavam apenas cueca. Nadaram até cansar. Voltaram à praia. Tião foi buscar mais duas garrafas de cerveja.

Contemplando o espetáculo que a natureza oferecia, cansados, relaxados pelo efeito do álcool, adormeceram na areia.

Sequer perceberam que um caminhão do Departamento de Trânsito da Cidade de Santos estava rebocando o carro oficial que tinham estacionado na calçada, levando em seu interior roupas e pertences de ambos.

O nascer do sol despertou Olavo, que, sem ainda lembrar-se completamente onde estava, acordou o compadre.

– Tião, acorde! Vamo embora, home!

Tião abriu os olhos e percebeu que tinham se metido em uma grande encrenca.

O resto da história: Olavo não entrou em detalhes de como saíram apenas de cuecas e voltaram a São Paulo, e nem de como a viatura daquele departamento foi resgatada. Disse apenas que foi aberto um processo administrativo, examinado por um médico, e veio o diagnóstico: “Transtornos psiquiátricos”. Foi afastado do serviço e passou alguns meses em uma clínica psiquiátrica.

Olavo voltou a ser motorista, agora de ambulância de um

hospital público. Mas isso é outra história.

O retorno de Olavo.

No período em que ficou internado na clínica psiquiátrica, Olavo observou as ambulâncias que transitavam e pensou: “Um dia ainda vou dirigir uma dessas!”.

Com a interferência de um político, Olavo conseguiu o almejado cargo. Agora era motorista de ambulância. Achava que assim estaria desempenhando melhor suas funções. Mas o que gostava mesmo era de acionar a sirene e passar entre os veículos que se afastavam para dar-lhe caminho, conforme manda a lei de trânsito. Consciente de que corria contra o relógio, levando algum paciente em estado grave, ele logo se habituou a essa nova atividade. Exercia-a com orgulho.

Algumas vezes permanecia com o veículo estacionado em frente ao hospital, de plantão.

Em uma dessas ocasiões, apareceu José Pimenta, proprietário de uma chácara em Suzano, município próximo a São Paulo. Ele tinha um problemão. A sua mulher andava com umas dores no ventre e sem saber a quem procurar, viu Olavo encostado na ambulância. Logo imaginou que ali estava o homem que iria ajudá-lo. E de fato isso ocorreu. O hospital era público, Olavo conhecia todos os médicos, “encaixou” a paciente em uma consulta. O diagnóstico foi uma intervenção cirúrgica, bem sucedida. Extremamente grato, Zé Pimenta, como era mais conhecido, disse a Olavo:

– Vou engordar dois porquinhos e, no Natal, o senhor vai buscar em Suzano!

No início de dezembro, Olavo foi avisado de que os porquinhos estavam à sua disposição.

Um grande problema: como ele iria buscar? Após matutar muito, tomou a decisão. Comunicou a Alcides, seu superior:

– Chefe, hoje vou até Suzano com a ambulância!

Alcides sabia que não tinha outra saída a não ser concordar.

Animado por ir até uma área rural, Olavo entrou no clima. Logo na ida, parou em um boteco e tomou uma talagada de cachaça. E, de boteco em boteco, chegou a Suzano. Numa animação só. Lá encontrou Zé Pimenta e Dona Vilma, totalmente restabelecida, com muita saúde. A alegria era a tônica desse reencontro. O Natal que se aproximava deixava tudo em clima de festas. Confraternizaram-se

com algumas doses de caninha que Zé Pimenta tinha como reserva pessoal. Hora de voltar. O coração do chacareiro era generoso. Colocaram na ambulância três porcos e algumas galinhas. Abraços de despedida e pé na estrada. Olavo voltava radiante. Enquanto isso seus “pacientes” estavam em desespero com a movimentação da ambulância.

Ao chegar, ao final da tarde, na Avenida Celso Garcia, o trânsito estava pesado, não andava. Foi quando Olavo decidiu usar sua poderosa sirene. Como um Moisés do asfalto viu a passagem abrir-se a sua frente.

Imprimiu maior velocidade. Esse conjunto de ações levou seus “pacientes” ao limite de tensão.

Tudo ia muito bem, passava em sinais fechados, a prioridade era para aquele veículo de emergências. Pedro Augusto, dirigindo um automóvel Opala, não percebeu que a ambulância vinha pela Avenida Celso Garcia com grande velocidade. O choque foi inevitável. Os danos materiais foram enormes. Inexplicavelmente nada aconteceu aos motoristas. O soldado José Siqueira estava a serviço naquela esquina quando ocorreu o acidente. Treinado para atender emergências, imediatamente foi socorrer o paciente. Estupefato, ao abrir a porta traseira da ambulância, viu três suínos virem em sua direção e seguirem pela via pública em desabalada carreira. As galináceas em total desespero seguiam em um cortejo inusitado. Boquiaberta, uma multidão contemplava o espetáculo. Olavo sofria a frustração de ficar sem um Natal gordo. Afastado por mais um período, voltou a trabalhar na repartição, agora bem perto da temida Dona Deolinda, em seu calcanhar. Ali o máximo que poderia fazer era trocar as pastas de arquivo de lugar.

A narrativa de Olavo deixou seus ouvintes entretidos por pelo menos uma meia hora. O expediente tinha chegado ao fim. Alguns o consideravam um desequilibrado, outros o viam como um ser determinado a não seguir o sistema com suas regras duras e inflexíveis. Um semi-herói.

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI**

Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco

## **Crianças abandonadas**

Boa parte das crianças dos bairros periféricos, sobretudo os de sexo masculino, disputam entre si os mais violentos brinquedos, assim considerados por nós, adultos. É comum fazerem dos caminhões de carga trampolins onde se penduram, só saltando dos mesmos depois de percorrerem longa distância. Muitas vezes se servem de bicicletas para essa aventura perigosa. Também soltam pipas que se enroscam em fios de alta tensão, que podem causar acidentes drásticos, devido ao uso do cerol.

Quando grupos de meninos de rua ficam rodeando as lojas, os comerciantes ficam apavorados, principalmente os vendedores ambulantes, pois seus produtos expostos correm riscos de serem furtados por eles. Também os pedestres são assediados nos mercados e mesmo nas ruas com pedidos: “dona, dê um dinheiro pra comprar doce.” Se lhes oferecem lanche ou outra guloseima, nem sempre se percebe reação física de prazer. O objetivo do dinheiro provavelmente não era este e, sim, trocá-lo por drogas.

Escrevo estas linhas, pois me impressionei muito ao ver estampada na primeira página de uma revista a foto de um garoto com uma arma na mão e, o mais triste, dizia na manchete tratar-se de arma “de verdade.” Pelos últimos acontecimentos em que menores matam seus próprios familiares vemos que não só as crianças socialmente abandonadas apresentam comportamentos negativos, mas as que possuem bons recursos materiais.

E pensar que tudo poderia ser diferente! Se o país fosse bem estruturado social e economicamente, se todas as instituições desempenhassem os seus devidos papéis, principalmente as famílias, as crianças e adolescentes teriam outros tipos de comportamentos. Na maior parte das vezes são produtos da falta de ambientes propícios para adequada formação física, psicológica e cultural. Mesmo

as crianças e adolescentes de lares mais abonados necessitam de orientações através de diálogos e acompanhamento dos pais sobre os colegas com quem convivem, os programas, jogos, filmes que assistem pela internet e outros instrumentos da mídia, que lhes são de fácil acesso.

Mas nem por isso vamos deixar de sonhar com dias melhores. Quem sabe a humanidade irá acordar e os poderes institucionais sociais e governamentais se conscientizarão de que a Educação, no sentido amplo do termo, é o caminho mais certo para se construir uma sociedade mais estruturada. Da sua vivência decorrerão os projetos e atuações nas diferentes e necessárias áreas da saúde, segurança, moradias etc. Vale muito a máxima “ensinar a pescar e não dar o peixe pescado”, para que todos conheçam seus direitos, mas também pratiquem deveres como cidadãos amadurecidos.

Todo ser humano tem direito a usufruir um lugar ao sol e tornar essa travessia terrena mais amena e feliz!

## **Microcontos**

### **A Formiga**

A formiga levou a folha até o buraco, mas não adentrou. Ele ruiu.

### **Espera**

Esperou-o tanto! Quando chegou, não teve sabor de fruta madura.

### **Anônimo**

Suas tramas amorosas foram assunto para a novela de maior audiência da tevê. Nem autor, nem ator de suas aventuras. Só ídolo anônimo.

### **Miragem**

Enxergo um vulto que se aproxima. De repente, desapareceu. No seu lugar ficou o meu rosto refletido na vidraça embaçada.

### **Insônia**

O relógio da matriz já bateu várias vezes e nada de o sono chegar. A madrugada comprida e silenciosa combina com sua solidão.

### **Viagem**

Naquela viagem no apogeu da vida, seus bens materiais ruíram. Valeu a lição. Neste outono levará mala quase vazia, com quase nada.

### **Tempo**

O adulto colhe o trigo e faz o pão. Já o velho com passos lentos faz a escalada triunfal da última travessia.

## **Minha Rua**

Minha rua é tão bonita!...  
Gosto de apreciá-la das alturas.  
Do alto do prédio, carros, motos,  
parecem brinquedos eletrônicos sincronizados.  
Nela os pedestres apressados  
são como soldadinhos de chumbo  
acertando passos ritmados.  
(1, 2... esquerdo, direito).  
Desde a infância eu a quero muito.  
Lembro-me do bonde fazendo dlim...dlim,  
ziguezagando nos paralelepípedos,  
subindo até chegar à Estação da Paulista,  
fim de rua, chegada, partida dos trens,  
passageiros com sorrisos, lágrimas nas despedidas.  
(cenário dos pracinhas da Revolução Constitucionalista)  
Minha rua é tão bonita!  
Tem início na praça José Bonifácio,  
onde fica a Catedral de Santo Antônio,  
padroeiro da cidade, protetor dos namorados,  
em treze de junho comemorado  
com trezena, procissão, bolo, muita festa,



pão bento, quermesse e bucólica seresta.  
(famílias relembram bons momentos)  
Próximo à Catedral aparece imponente  
o Colégio Piracicabano, com tijolo à vista  
enfeitando a frente do quarteirão.  
Ladeira acima, o Colégio Assunção  
perto do Lar Escola, todos esteios  
da boa instrução e formação.  
(berços de grandes intelectuais e artistas)  
Minha rua é tão bonita!

Meio-dia de sexta-feira: tem música na praça,  
em dias festivos fanfarra nos atos cívicos.  
Nas tardes ensolaradas, do alto dos prédios  
aprecia-se o sol sumindo além da Ponte do Morato,  
deixando rastros luminosos nas águas do Piracicaba.  
Na hora da Ave-Maria, os sinos da Catedral repicam festivos.  
(é hora de encantamento na Noiva da Colina)  
Quando é dia, o sol a bronzeia,  
de noite, a lua cheia rodeada de estrelas meninas,  
apaixonada a contempla no silêncio da madrugada.  
Gosto de dizer que ela é minha,  
mas bem sei que é de todos, rainha  
“cheia de flores, cheia de encantos.”  
(é tão bom sabê-la querida e partilhar essa dádiva)  
Esta rua, referência para a população  
da nossa Piracicaba, torrão bendito,  
é mais um cartão postal bonito  
e, embora seu nome fale de morte  
ela só transmite vida e muita sorte,  
abençoada por Nossa Senhora da Boa Morte.  
(Seu manto azul a cobre com muitas graças)  
Minha rua é tão bonita!...

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO LINO VITTI  
Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

## Ser Príncipe!

*(ao ser honrado com o título de Príncipe dos Poetas  
de Piracicaba pela Academia Piracicabana de Letras)*

Ser príncipe! Sem rei, sem lei, sem divisas,  
sem espada flamante e sem veloz corcel;  
o palácio real feito de luz e brisas,  
com imensos jardins cheirando a sol e a mel!

Ser príncipe sem trono e sem regras precisas,  
qual pássaro a fugir da gaiola cruel!  
Um príncipe feliz, sem horas indecisas,  
vivendo todo o amor em lírico tropel!

Não é meu principado esse de que vos falo...  
Diria, como Cristo, à hora do julgamento  
“meu reino vai além do cetro e do vassalo!”

Sou príncipe de um reino onde vivo ao relento,  
faço do verso e da rima o meu doce regalo,  
do reino da Poesia, o meu feliz momento!

## Poesia

Apanho o verso, apanho a rima, apanho  
a métrica e a minha estrofe teço.  
Vou buscar a saudade ao tempo e ganho  
mais um pouco de pranto de alto preço.

Ao chegar da poesia eu estremeço,  
molho-me inteiro em seu divino banho.  
Não há como fugir-lhe, a ela obedeço,  
a alma me pesa como pesa o estanho.

Ser poeta não é coisa que assuste,  
Machuca, entanto, o coração da gente,  
em tudo ela nos põe lírico embuste.

Amá-la é meu dever, dever de quantos  
vivem a fazer dela unicamente  
um rio de alegrias e de prantos.

## **A meu Pai** (quando ainda vivo)

Lado a lado, meu pai, nas andanças da vida,  
mãos dadas com carinho e com grandioso amor,  
umas vezes a estrada é uma senda florida,  
muitas outras, porém, tem espinhos e dor.

Em você, caro pai, encontrei nesta lida  
mil sonhos a cumprir, de luz um resplendor,  
A todos conduziu – com nossa mãe querida –  
a um porto bem seguro, a um porto salvador.

Que a idade não lhe seja um peso doloroso,  
antes uma alegria, anseio realizado,  
uma vitória em meio a este mar proceloso.

Eu lhe desejo, pai, tão extremoso e amado,  
que o proteja o bom Deus, que é grande e poderoso,  
que o conserve, feliz, por muito a nosso lado.

## Mãe

*(a minha estremecida mãe, falecida aos  
93 anos de idade, em 4/10/88)*

Quase um século a andar de trilho em trilho,  
de trabalho em trabalho e de espinho em espinho,  
Pela vida a lutar, deixando a cada filho  
um pedaço de amor, um sonho de carinho.

Abriste a cada qual esplêndido caminho,  
deixaste-me uma luz na estrada que palmilho.  
Foste rever Geraldo, o querido irmãozinho  
que tão cedo se foi, como um astro sem brilho.

Se vais gozar no céu a presença divina,  
como prêmio final ao que com Deus convive,  
vais abrir-nos a senda eterna e peregrina.

Os teus filhos estão agora na orfandade,  
mas a tua figura excelsa ainda vive  
entre nós, a esperar que chegue a Eternidade.

## Mulher

*(à minha esposa Dorayrthes)*

Consorte, companheira, esposa, com que termos  
Melhor pincelaria o teu vivo retrato?  
Somos tolos, eu sei, somos uns estafermos,  
Somos homens banais, estúpidos de fato!

Bastaria dizer: mulher, para sabermos  
O que é virtude, amor, sonho e recato.  
Sem ela a vida é escura, andamos pelos ermos,  
Somos pobre viajor perdido em invio mato.

Mulher, mulher da gente, a gente diz que é minha,  
É palavra que a exprime em toda a plenitude  
E a põe no coração feita única rainha.

Mulher é o que diz tudo: encantos e virtude,  
Dizer: “minha mulher” então nos avizinha  
Do êxtase divinal da excelsa beatitude.

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA  
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira n° 3 – Patrono: Luiz de Queiroz

## **Um mergulho na espiritualidade**

Foi o que aconteceu na semana passada, trazido pelo Papa Francisco: um verdadeiro “mergulho na espiritualidade”! Emoção contagiante de um Mensageiro da Fé, um ser humano maravilhoso, alegre e incansável, bem-humorado, firme em suas convicções, corajoso em seus pedidos e conselhos, com aquela multidão aplaudindo e sintonizada em suas palavras e seus recados e conselhos, suas brincadeiras, frases e gírias, e ainda com aquele sorriso constante plantado em seu rosto... Peregrino do Amor enviado por Deus ao Brasil, iluminado pelo Espírito Santo, que veio para fazer mudanças, ensinar, reformar e informar muita coisa defasada pelo passar dos tempos.

Naquele traje branco, bonito, totalmente despojado e inverso à vaidade, simples e natural, bênçãos incansáveis por todos os lados, horas sem parar, entre gritos e sorrisos do povo, acenos emocionados e maravilhados, sempre forte e cômico do que dizia e queria, para esta juventude tão necessitada de direção, atenção e apoio, cujos ensinamentos a levarão sem dúvida daqui para a frente a novos horizontes e patamares elevados. A prioridade para Francisco é “vencer o Mal com o Bem”, sobretudo os irmãos esquecidos, os sofredos, os desprezados, os desamparados, os doloridos e os “descartados”, pelos males da vida, que tantas vezes os pune “deixando-os ao largo”, destruídos pelo egoísmo, desrespeito e insanidade de seres e autoridades que deveriam cumprir suas obrigações, mas que, dominados pela ganância, os enganam, roubam ou os usam sem a mínima compaixão ou honestidade, comportamento vil tão destruidor do jovem com muito a dizer e que precisa ser ouvido!

Mas... a chuva parou! O frio diminuiu e o sol surgiu, aque-

cendo ainda mais a alegria de milhões de jovens vindos de todos os cantos do mundo, emoldurados pela paisagem incomparável da cidade maravilhosa do Rio de Janeiro! A Fé cresceu e Papa Francisco conseguiu fazer o que queria: “colocou a Igreja nas ruas”, onde um Cristo ressuscitado atravessou com ele bairros, ruas e avenidas, visitou doentes, presos, idosos e vítimas das drogas, olhos fixos na “periferia da vida” e na dor saturada de decepções, onde a partir de agora aguarda ansioso o empenho, a presença e a participação desses seres que, fortalecidos e orientados com palavras de esperança, aplaudem e aceitam o desafio “botando fé” em colocar em prática o que foi proposto por Francisco, que os incentiva afastando os seus medos e desejando que sejam felizes! Abre seus braços e os acolhe em seu coração, beija crianças, fala nos pais e nos avós, abençoa deficientes físicos e conclama voluntários a continuarem sua caminhada. Sua Santidade reafirma atitudes de solidariedade e confiança, imprescindíveis nos contatos futuros que virão com mais lógica e generosidade, “mais imaterializados”, e melhor conduzidos pela força da conscientização desses “novos missionários protagonistas do amanhã”, que aflora em seus corações ardentes, a espalhar pelo mundo os feitos que surgirão iluminados de coragem, esperança e alegria, na “cultura do encontro”, tão aguardados, no que for preciso fazer pelo Irmão.

Decididamente, Papa Francisco é um “Homem do Bem”, que propõe entre tantas palavras de Fé elevar e respeitar piedosamente a Cruz de Cristo e a devoção a Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil! Um ser humano transparente, digno, de vasta cultura, bem intencionado e respeitável, que convenceu e comoveu milhões de pessoas unidas aqui, num grande amor, em busca da tão sonhada Paz entre todos!

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA AMÁBILE FILLET  
BUELONI**

Cadeira nº 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade

## **Férias de julho**

Sofro de recordações maravilhosas. Uma delas é a figura da minha madrinha, uma fada risonha, na aurora da minha vida. Tia Anita foi o anjo que Deus designou para assoprar nas minhas inevitáveis feridas. O seu abraço tinha gosto de bolacha recheada e o perfume em suas roupas era o único que nunca me deu dor de cabeça.

Ah, o abraço apertado da minha madrinha, o sobrado amado no bairro da Mooca, as luzes que se viam do terraço no andar de cima, a cidade luzindo ao longe, piscando e dizendo para mim: esta cidade é sua. São Paulo era só minha durante as férias de julho.

O sobrado da tia Anita. O almoço maravilhoso que brotava de suas mãos, o seu riso aberto, a sua alegria, as piadas e brincadeiras, as histórias que faziam nos reunir em roda à sua volta, todos prontos para o impagável desfecho de tudo o que ela contava.

Posso ouvir ainda as gargalhadas estrepitosas, gente tossindo e se engasgando de tanto rir, os comentários de quem queria atestar a veracidade de tudo o que ela havia contado, sem conseguir terminar a frase, por falta de fôlego... Tia Anita fez meu coração pequenino conhecer este mel adorado e sou grata pela lembrança daqueles risos que me transportavam ao céu!

Minha madrinha foi o fato mais belo da minha infância, da minha juventude, da minha vida adulta, da minha existência. Foi nas férias de julho que o mundo se desenhcou mais fascinante para mim. Ir de trem para a capital, junto com Neusa, minha melhor amiga de infância e minha melhor amiga até hoje, era um sonho, igualzinho aos dos livros que devorávamos naquele tempo memorável.

A viagem significava uma aventura sem palavras. Viajar de trem era um acontecimento naquele tempo. Disputávamos a janela



e tínhamos um acordo tácito: cada uma tinha a sua vez de contemplar a beleza, o sonho. Antegozávamos em silêncio tudo o que iríamos viver. Os trilhos da ferrovia penetravam fundo em nossa alma pequenina.

Sabíamos de cor a delícia de estar com tia Anita, com os primos e os demais tios que lá moravam e que nos recebiam para almoçar e jantar. “E como vai Piracicaba?”, perguntavam meio superiores por morarem na capital. Nós duas, caipiras envergonhadas, mal sabíamos o que responder.

As doçuras da vida também acabam. O apito do trem na Estação da Luz era o som da partida, fazendo meu peito explodir de dor, numa agonia insuportável. Eu evitava olhar para a janela e ver tia Anita acenando o adeus mais sofrido do mundo. Ela abria os braços, ria, acenava, enxugava o canto dos olhos, jogava beijos. E a volta para casa era uma viagem muda e sem paisagem, cheia de sombras e saudades.

O banco duro de madeira do trem era a certeza de que as férias haviam acabado e que o sonho ficara para trás. Adeus, terraço do sobrado, livros, brincadeiras, a comida incrível de tia Anita, a sua bondade, seu riso escancarado, um coração que se derramava para todos, os braços sempre abertos, a voz alta, os olhos faiscando uma luz que só eu captava. Ela era só minha, a minha madrinha adorada das inesquecíveis férias de julho.

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MÔNICA AGUIAR CORAZZA  
STEFANI

Cadeira n° 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

## A janela

Sentada na janela  
Ela espera  
O sol surgir, o sol se pôr  
Sentada na janela  
Ela espera  
A lua vir, a lua sumir  
Sentada na janela  
Ela espera  
O amor  
Que um dia há de surgir.

## O ciclo

TODO CICLO SE FECHA OU SE ENCERRA  
NA ERA QUE A HISTORIA  
OU DENTRO DELA SE VAI MONTANDO.

NOS CONTOS DE FADA  
ERA UMA VEZ COM FADAS E BRUXAS  
O FINAL É SEMPRE FELIZ.

MAS NA ERA HUMANA NEM SEMPRE  
É ASSIM PORQUE  
NUNCA TEM FIM.

MAS TEM O CICLO  
QUE NEM SEMPRE REFEITO  
PERFURADO TALVEZ POR UM PONTO  
QUE PODE CONTAR UM CONTO DE UM TALVEZ.

E ASSIM A VIDA SE VAI  
LEVANDO TUDO  
COMO O VENTO  
COMO O RIO  
QUE POR ALI  
NÃO PASSA MAIS.

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO  
Cadeira n° 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

## Primavera... Sombras e flores

Setembro chegou com mais sombras anuviando a alma. Mas a primavera antecipou-se. Depois do frio e dos dias chuvosos e amuados, penso que o inverno já se despediu, de vez. As estações já não obedecem ao calendário e agora estamos, de novo, à espera das chuvas para aliviar a secura do ar. A ordem, pois, é ingerir bastante líquido e, principalmente, economizar a água, este bem tão precioso que tanto desperdiçamos e poderá escassear, como resultado de nossa secular imprevisão. Não aprendemos ainda a prevenir, antes de remediar.

As árvores derrubam suas folhas e muitas já florescem esplendorosas. As espierradeiras, as buganvílias e os ipês resistem às fustigadas do vento para atroarem mais fortes que é primavera, a estação do belo tempo, das manhãs claras e ensolaradas, do céu azul e dos pássaros trovadores.

Nas caminhadas matutinas, desço a rua São Francisco dos lados da Chácara Nazaré, agora loteada, e preservada numa parte. Algumas árvores, inclusive duas sapucaias debruçadas sobre um muro velho, ainda lá estão e eu, a cada vez que passo por elas, e me abrigo do sol em sua sombra, e respiro o ar mais leve, e refresco o rosto na sua aragem, e contemplo sua beleza, penso no destino das árvores, hoje ainda mais incerto, em face da fúria iconoclasta dos predadores insensíveis. Seu tronco já está machucado e cortado pelos escrevinhadores de ocasião que nele registram sua passagem; então me ocorre que elas devem sentir a dor das lancetadas do canivete, então me ocorre que elas também choram, e o vento deve ser o porta-voz de suas lamúrias. Quanto tempo restará para elas? Seculares, elas deveriam ser tombadas como patrimônio, da mesma forma que se tombam as edificações que imprimem às cidades a sua história. Pobres árvores, desprotegidas e humilhadas, elas que tanto nos dão sem nada exigirem em troca!

Como desejar, porém, que os humanos se comovam e se curvem ante seus benefícios e sua beleza, nesses tempos tão secos do afeto e da sensibilidade! Tempos em que se eliminam os mendigos, tempos do terror em que se amedrontam e matam adultos e crianças às centenas, reduzindo-os a tropeços! Penso, o coração estarecido e dilacerado, no drama que se avoluma para aqueles que vivendo já não vivem, porque lhes foi arrancado, brutalmente, o sentido da vida! Porque, ao olharem, ao redor de si mesmos, as faces belas, riosas e límpidas de seus filhos foram substituídas pela mutilação e o espanto, o pavor e o trauma, pela interrogação permanente e a trave de fel da desconfiança e do conflito! Nessas faces imprimiu-se para sempre o estigma da maldade humana, que desconhece a compaixão e o respeito sacrossanto pela inocência! Ai deles! – “Qualquer que fizer tropeçar um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhes fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e se submergisse na profundidade do mar. Ai do mundo, por causa dos tropeços! Pois é inevitável que venham : mas ai do homem por quem o tropeço vier!” ( Mt 18, 6-7)

Sem querer, o pensamento se transporta para o local dessa atrocidade, a Síria milenar, palco dessa barbárie que nada detém e que, hoje, já constitui um clamoroso desafio às leis irrevogáveis do Criador. Não é possível perdurar muito tempo essa afronta que ultrapassa os limites da suportaçãõ humana!

Continuo meu caminho, esfacelada na conjectura e esforço-me para abolir o desânimo, a mais poderosa arma do maligno. Ocorre-me um pensamento gravado nas sementes do tempo: “Como tiveres semeado, assim hás de colher”. À minha frente, vejo um muro coberto de buganvílias cor de vinho, as populares primaveras, lindas, viçosas, alegres e acolhedoras. Mais uns passos e, do outro lado da calçada, quatro ipês amarelos, ainda pequeninos, pouco distantes uns dos outros esbanjam, de cima abaixo, uma incomparável beleza de floração dourada que me saúda, como mensagem, um recado do Alto: Para os grandes males, bem maiores deverão ser o remédio, o amor e a misericórdia!...

O prodígio da vida, o poder absoluto, a novidade, a renovação. ... A esperança de que os mártires pequenos e os puros de coração já se encontram na morada encantadora dos anjos, brincando, cantando, dançando e distribuindo bênçãos como flores de mil cores, para seus irmãozinhos que escaparam vivos, e todos nós que ainda esperamos merecer o grande dia da consolação!

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO OLÍVIO NAZARENO ALLEONI  
Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca

## Elucubrações existenciais – O valor do homem

“Decifra-me ou te devoro...”

Não pude deixar de engendrar estas considerações, tendo como base uma comunicação feita por uma pessoa que muito estimo. Tomei a liberdade de reproduzir suas colocações para poder edificar a trama de pensamentos...

“O amor é o desejo que atingiu a sabedoria...  
O amor não quer possuir...  
O amor quer somente amar...” (Hermann Hesse)



**“Quanto mais envelhecia, quanto mais insípidas me pareciam as pequenas satisfações que a vida me dava, tanto mais claramente compreendia onde eu deveria procurar...”**

Este desenho é a própria encarnação das últimas linhas de Sidarta (Hermann Hesse).

Entre os extremos prazeres e privações a que foi submetido durante sua existência, no final despe-se de tudo e opta por ficar simplesmente sentado observando o rio passar... Deixar a vida escoar como grãos de areia por entre os dedos, assistindo no âmagô da imponderabilidade o circo da vida a exhibir suas infundáveis facetas, o espetáculo que não pode parar.

Há outro livro, que até poderíamos dizer paralelo, em outra ambientação, que começa assim:

“Eu, Sinuhe, filho de Senmut e de sua mulher Kipa, escrevo isto. Não o escrevo para a glória dos deuses da terra de Kan porque estou cansado de deuses, nem para a glória dos faraós, porque estou cansado de seus feitos. Tampouco escrevo por medo ou por qualquer esperança no futuro; escrevo para mim, apenas. O que vi, conheci e perdi durante a minha vida foi coisa demasiada para que me domine um vão temor; e, quanto a algum desejo de imortalidade, estou tão exausto disso quanto dos deuses e dos reis. É apenas por minha causa que escrevo, por tal motivo e essência, diferindo eu de todos os escritores passados e vindouros”.

É assim o primeiro parágrafo de “O Egípcio”, de Mika Waltari, escrito em 1945.

Em ambos os romances, tanto Sidarta como Sinuhe são meros falsetes do destino, joguetes da própria existência, e que em sua lucidez ao final da existência (quando na terceira idade resplandece o amadurecimento suficiente para fazer uma comedida retrospectiva existencial) começam a duras penas a reconhecer e aceitar suas reais verdades interiores, ainda para não falar na situação momentânea como única verdade a ser respeitada, aceita e encarada como a verdadeira realidade existencial (pelo menos em seu âmagô). Toma, pois, consciência de que todo o resto não passou de efêmero sonho, de uma ilusão e falsidade, de uma expectativa vã. Batalha-se para se atingir metas, mas não deixamos de ser polichinelos, verdadeiros marionetes existenciais do destino. Assim também acontece com

Kim, de Rudyard Kipling, e todos os personagens de "A Leste do Éden", de John Steinbeck. Assim também é com a grande maioria dos humanos, que de uma maneira mais disfarçada, e que ironicamente muitos denominam de "idade do lobo"... realmente é quando ocorre o real momento de rajadas de conscientização à lucidez, em relação às experiências e vivências existenciais.

Quando se faz a acepção de algo sublime, em valor absoluto, é quando nos deparamos com a contradição existencial.

Se o amor supera o desejo, situando-se em nível que subsiste por si mesmo: "O AMOR QUER SOMENTE AMAR", somos levados a crer em sua onisciência, na sua onipresença, para não falar em algo que sobrepuja a própria temporalidade.

Ora, diríamos, se então ele usufrui e satisfaz estas três condições, é simplesmente sobre-humano, inconcebível e, portanto, impraticável pelo homem.

Ora, dentro desta colocação aparentemente sofista, atingimos a lógica conclusão: o amor não existe, pois ele não é da esfera humana, e portanto seria o próprio Deus, ou uma de suas "partes", assim como é o próprio mistério da Igreja do "Pai, Filho e Espírito Santo", as três pessoas em um só Deus. Seria talvez, então, o quarto elemento, ou algo incrustado na tríade?

É interessante relembrar que Jeovah também era o Senhor da Guerra, e optou por destruir Sodoma e Gomorra... e não faltaram outras condutas aparentemente enérgicas e que colocaram em risco de vida o homem, quando não o eliminaram. Isto sem contar com as outras catástrofes que assolaram e ainda assolam o homem.

Ora! Se Deus era e é a personificação do amor, o Todo-Poderoso deveria ter convertido os fariseus, e não os eliminado. Quando deixou que ocorresse o dilúvio, muitas vidas se perderam, tanto humanas como animais. Se tudo acontece pela Vontade Divina, estes fatos são a personificação de Sua vontade.

Se Deus é a personificação do amor, como concatenar Seu poder supremo em tudo, fazendo opção pela destruição ao invés da recuperação? Se é onipotente, onipresente, isto seria um mero passe de mágica para ser executado. Isto demonstraria o desamor, a indiferença, o alheamento do Superior à Sua criação? Então Deus não é amor. Ou o descaso e/ou o ódio também são uma forma de amor?

Ora, diremos então que o amor é a personificação de um va-



lor humano. Mas como humano, se o vemos muitas vezes como algo sem perenidade? E outras vezes mostra-se totalmente perecível? Vem e vai entre os humanos. Transforma-se. Chega mesmo até a constituir em forma de ódio. Então o amor não quer somente significar o bem, mas também a função de exercer o mal, baseando-se na raiz do querer e poder.

Ora, sentimentos prolixos, visto sua antagonicidade, como zênite e nadir, preto e branco, amor e ódio, constituem-se em formas de gostar. Como se diz: "A forma mais profunda do amor é o ódio."

Entendemos, pois, que esta prolixidade realmente chega a não existir. São, sim, manifestações de uma emoção perene, mutável, que se curva aos ventos da existência, às ondas da maré, ao dia e noite, ao desejo e indiferença.

O que existe é um sentimento de se acatar e se doar enquanto alguns objetivos existenciais são ambições e metas convergentes. É uma aceitação e tolerância entre dois seres com objetivos similares.

Do amplexo existencial cria-se uma meta comum. Mas, quando os objetivos são atingidos ou se perdem, o que resta é um sentimento de total indiferença, para não dizer nulidade. Laços ainda podem permanecer coesos, visto compromissos assumidos perante outros similares, mas o âmago da questão está decidido: "alea jacta est." Nesta fase, então, realmente é que começa a maturidade do homem. É dentro da lucidez que subitamente o engloba, se volta olhando ao seu redor, e vê com a pele eriçada que tudo, todas as metas e ambições, tudo não passou de uma desculpa para construir e justificar seu existir, uma mentira que havia se transmutado em verdade por conveniência. Neste momento é quando se começam a desmoronar os sonhos.

É quando o homem desperta e começa a adquirir consciência de que todo o seu existir realmente nada mais foi de um inútil altruísmo abnegado, um doce e falso pesadelo de metas mendazes, e suas realizações, por maiores que tenham sido, realmente nada mais foram que uma falácia dentro do objetivo das satisfações próprias.

Desperta ele que toda sua vida passou por um trabalho para constituir um lar coeso, tendo por base a fidelidade e economia. Quando pensa que vai ter condições de atingir aquelas almejanças

metas, como a tranquilidade da velhice, a segurança que os descendentes poderiam lhe fornecer no ocaso da existência, todos os mais íntimos desejos guardados no âmago de seu ser, toma a cruel consciência da mendacidade de seu raciocínio e suas expectativas, e que agora não lhe restam mais condições ou forças para as novas realizações, vê ruir todas suas ambições e negras nuvens de tempestade surgirem no horizonte de seu porvir.

Nada mais nos resta dizer: "Acorda, homem!", que ainda é tempo. Redefine suas metas, define seus objetivos baseados unicamente em sua vontade, e trata sempre de viver o hoje com todo o respeito pelo seu semelhante, realizar todos os seus sonhos secretos, cumprindo à risca suas metas e ambições.

Esta realmente talvez seja a única manifestação racional do que poderíamos chamar de amor, o respeito que tem por si mesmo no presente e no futuro. O amor pelo próximo é algo obnubilado, um sentimento vago, onde oscila entre e/ou eventualmente se mescla em uma brumosa sensação de falsa tranquilidade, desejo, satisfação, ambição, poder, dominação e outras manifestações absolutistas entre duas ou mais pessoas.



**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ROSALY APARECIDA CURIACOS  
DE ALMEIDA LEME**

Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

## **Senhor, dê-nos a Fome!**

Talvez você estranhe esse meu pedido.

Mas, este foi antes o pedido da grande poetisa Adélia Prado quando disse que não queria faca e o queijo, mas a fome.

De que valem as mais deliciosas iguarias diante dos satisfeitos ou dos sem fome dos doentes.

Os mais belos escritos poéticos, ou em verso ou em prosa, são indiferentes aos não famintos de arte, ou aos analfabetos de inteligência emocional.

De nada adianta o professor preparar exaustivamente suas aulas se seus alunos não tiverem fome de saber.

Por isso, eu lhe peço Senhor:

Concede aos governantes, fome de justiça.

Aos empresários, fome de empregos, aos trabalhadores, fome de trabalho.

Aos alunos, fome de aprender, aos mestres, fome de educar...

Transformar, a fome de ganância, do egoísmo, da vingança em fome da partilha, de amor e de perdão.

É por isso, Senhor, que eu lhe peço. Dê nos fome. Dê – nos fome de justiça, de paz, de amor, de alegria, de felicidade, de solidariedade, dê – nos fome de equilíbrio, de sensatez, de vida, mas, principalmente, Senhor.

Queríamos ter fome de Deus.

Fome de Deus, na vida, no mundo, no coração, para que posamos semear no mundo a fome do Bem

## Miragem

Cabelos soltos,  
Versos brancos.  
Palavras presas,  
Sementeiras,  
    Inteiras  
    De insônia.  
Cabelos brancos  
Sonhos soltos,  
Vida em cantos  
    Desencantos,  
    Versos soltos.  
Vida no centro,  
Encantamento

## Viver repartindo a vivência

Se o processo não o realiza  
O objetivo pode ser frustrante.  
Se a vida você não valoriza,  
O viver pode ser agonizante.  
Só pelo o pó dos pés do caminhante,  
Jamais se vivenciará o caminho.  
Se a alegria não for contagiante,  
Corre-se o risco de viver e morrer sozinho.  
Se o repartir muito lhe custa,  
O guardar pra si pode apodrecer.  
Se o empobrecer lhe assusta,  
Pior é indignamente enriquecer.

## Ternura

Para falar de ternura,  
O mar buscou o tom pastel  
A nuvem emprestou sua alvura  
Pras ondas em carrossel.  
Para falar de ternura,  
O sol brilhou mais bonito  
O mar, o sol, o infinito...  
(pegadas todas de Deus).  
Para falar de ternura,  
Da felicidade pura,  
Vivendo tanta beleza,  
Sentir amor e firmeza.  
Para nos ensinar ternura,  
Deus nasceu na manjedoura  
E se fez "pegada" eterna  
E se criança terna.  
Pra nos falar de ternura.

## A Todas as Mães

Se você tem filhos pequenos que cobram sua presença na hora que você deve sair para trabalhar, não se sinta culpada, o amor não é quantificado, mas qualificado.

Se puder faça o lazer sempre com seus filhos.

Não se aborreça, mãe, porque seus filhos agem diferentemente do que você sonhou.

Sabe, mãe, a velocidade das mudanças é muito maior do que qualquer mãe possa dar conta.

Se eu pudesse, mãe, segredaria aos seus ouvidos que seus valores maiores, verdadeiros, suas utopias estão todas nos corações de seus filhos, mascaradas às vezes, por comportamentos ousados

demais para um coração adulto e de mãe ou por ritmo muito mais lento que sua paciência possa aguentar.

Mãe retorne, veja você na idade de cada um de seus filhos, se possível sinta o que sua mãe sentia, sem culpa, veja como a história se repete em *espiral*.

É evidente que hoje tudo é mais ameaçado e ameaçador. Então, é por isso mesmo, não se apegue a “medinhos” ou medos irrealis, proteja o essencial, defenda a vida e a vida de todos.

Se possível tenha e passe a necessidade de se ter uma escala de valores.

A vida acima do prazer, a saúde além dos mitos, o amor maior que as diferenças, o ser humano maior que as coisas materiais, a honestidade acima da riqueza, o respeito e o diálogo imprescindíveis.

Mãe, se você é verdadeira não se desespere ante os erros de seus filhos.

Ame-os, viva intensamente o amor de DEUS e seus filhos conhecerão esta VIDA e mesmo que se afastem dela em alguma fase, por certo voltarão.

É o seu amor que a ajudará a encontrar o ponto de equilíbrio, pois você deve acompanhar e não vigiar, sentar-se ao lado e não ocupar o volante da vida de seus filhos adolescentes ou adultos, ajudá-los mais não viver por eles.

Confie em Deus, em seus filhos e na educação que vocês (pais) lhe oferecem.

Se seus filhos já adultos dispensarem totalmente sua companhia, não se aborreça, isto é sintoma de que você os educou para terem autonomia. Isto não é falta de amor, é poupar você que já fez tanto. Participar da vida deles hoje é diferente, ore por eles, se puder ajude-os, mas não deseje interferir diretamente. “Influencie mais, influenciando menos.”

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA VALDIZA MARIA CAPRÂNICO  
Cadeira nº 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

## A Sapucaia da Paz

Existe uma árvore majestosa plantada na esquina da Rua Moraes Barros com a Avenida Independência. Pertence à família das *Lecitidáceas*, uma das mais importantes famílias de espécies florestais. Seu nome científico é *Lecythis pisonis* – e ocorre em florestas da Mata Atlântica e do Planalto, do estado de São Paulo até as regiões norte e nordeste do país. A ela foram dados muitos nomes populares, regionais, e entre eles, Sapucaia, Castanha Sapucaia, Cumbuca de Macaco e muitos outros; seus frutos servem para alimentar aves e alguns mamíferos – especialmente apreciados por papagaios e macacos.

Ao lado, porém, de sua importância botânica e ambiental, chama a atenção de qualquer pessoa mais ligada à Natureza pelo seu porte grandioso e pela alteração das cores de suas folhas e flores; nos meses de agosto, setembro as novas folhas são de cores rósea ou lilás, que também são as cores das flores que começam a abrir, indicando o início da Primavera.

Em nossa região, porém, existem poucos exemplares dessa espécie, apenas em reservas naturais, parques, alguns jardins – especialmente no campus da ESALQ. Quase foi levada à extinção por sua madeira pesada, resistente e muito dura, ter grande utilidade na indústria.

Como se vê, só por sua importância botânica e ambiental, a Sapucaia da Rua Moraes Barros já seria de grande valor para todos.

Mas, especialmente essa sapucaia, conhecida por muitos como Sapucaia da Paz, tem uma linda origem que se une à história da família Caprânico em Piracicaba. Essa história ficou no seio da nossa família por muito tempo, mas pedimos licença a todos para publicá-la.

Tudo começou na Itália, no ano de 1900.

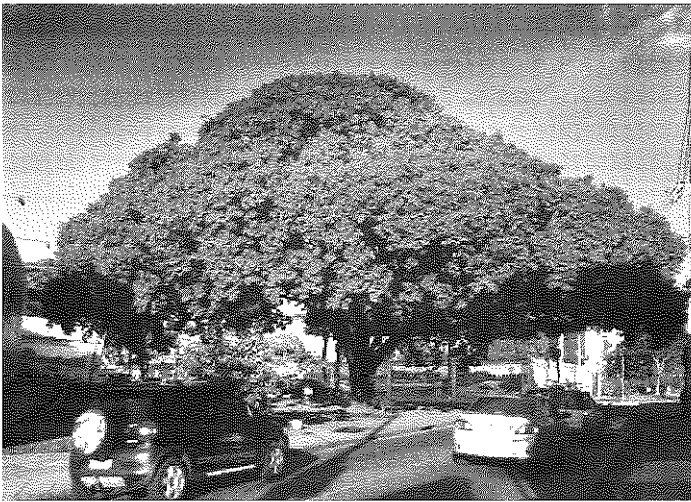
Exatamente no dia 12 de dezembro desse ano, casavam-se



no Vaticano, em Roma, os jovens Antonio Capranico e Maria Stella Pettinelli, ambos naturais da província de Áquila. Por pertencerem à nobreza italiana, o enlace foi realizado pelo Papa e abençoado pelos cardeais da época; os noivos ganharam do Papa uma lembrança que até hoje está em nossa família.

O jovem casal, então, escolhe o Brasil para passar sua lua-de-mel. Como já tinham conhecidos e amigos que estavam em Piracicaba, para cá se dirigiram.

Encantados com a pequena cidade – a Piracicaba de 1900 – decidiram aqui fixar sua nova residência.



Antonio, então, escreveu ao seu pai, na Itália, contando sua decisão, e o pai lhe enviou os presentes ganhos e algum dinheiro. Ele compra uma casa na Rua Moraes Barros – na quadra que hoje fica entre as ruas São João e Bom Jesus e também uma fazenda na região entre São Pedro e Ipeúna. Passa a criar gado de corte, porcos, alguns cavalos da raça árabe. Vivia da comercialização de carnes da fazenda em um açougue que tinha à frente de sua casa, aqui na cidade.

Aí nascem seus nove filhos. O tempo foi passando, os filhos crescendo, até que acontece a 1ª Guerra Mundial. Antonio, italiano, desespera-se, no Brasil, e acompanha com grande tristeza e preocupação os acontecimentos na Europa.

Quando finalmente, em novembro de 1918, aliviado, soube do fim da guerra, resolve comemorar.

Essa comemoração não poderia ser mais inusitada para a época: trouxe de sua fazenda muitas mudas de árvores para plantar na cidade.

Como estava sempre acompanhado do filho homem mais velho, Dionísio, na época com 14 anos, dá a ele a incumbência de ajudá-lo nesses plantios.

E assim, muitas mudas foram sendo plantadas por eles, especialmente no bosque que havia no Bairro Alto, no local onde hoje se localiza o complexo esportivo de nossa cidade: o Estádio Municipal, o campo do XV de Novembro.

Mas, não se sabe quem e nem porquê, para dar lugar a essa obra esportiva da cidade – todas as árvores foram cortadas – exceto essa sapucaia... E ela continuou crescendo e oferecendo sombra e beleza para todos.

Para nós, da família Capranico, essa sapucaia sempre será motivo de orgulho – pois foi a forma mais singela e marcante que nosso patriarca, imigrante italiano, poderia nos deixar. A família costuma fazer, esporadicamente, fotos sob essa árvore, pois, para todos nós, esse é o local onde a Paz no mundo passou a ser reverenciada.

Antonio Capranico faleceu aos 55 anos de idade, a 17 de outubro de 1930, sem conhecer a maior parte de seus netos, que nasceriam muitos anos depois. Mas a linda homenagem que ele deixou para Piracicaba permanece viva no seio da nossa família.

À medida que os anos foram se passando, nossa história foi sendo conhecida, e só no século XXI, exatamente em 2004, oitenta e seis anos depois de seu plantio, é que as autoridades locais começam a homenagear essa sapucaia.

Em outubro de 2004 ela foi tombada pelo CONDEPAC – Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Piracicaba.

Também foi cadastrada na mesma época como Monumento da Cidade, pelo IPPLAP – Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba. É o 1º Patrimônio Natural e Cultural da cidade.

Em novembro de 2009 foi assinado pelo Prefeito Municipal o Decreto nº 13.354, pelo qual ela foi declarada Imune de Corte.

Porém, muito antes de todo esse honroso reconhecimento pelas autoridades municipais, a Sapucaia da Paz se foi tornando, cada

vez mais, ponto de encontro de festas e, há muitos anos, recebe uma belíssima iluminação natalina. Essa iluminação no princípio era custeada pela família Caprânico e numerosos moradores do Bairro Alto. É motivo de festa a inauguração, todos os anos, de sua iluminação com a presença de Papai Noel, banda de música, moradores e autoridades municipais. Em 1996, esse grupo de amigos fundou a Sociedade Amigos da Sapucaia e, no ano seguinte, surgiu a Banda da Sapucaia. Essa banda, pequena no início, hoje atrai milhares de pessoas por ocasião do Carnaval. Acabou por se destacar tanto que passou a ser o local de abertura oficial do Carnaval de Piracicaba.

Hoje a Sapucaia da Paz, ainda majestosa, tem em seu entorno uma pequena praça, com alguns bancos e, ao seu redor, muros pintados por famosos artistas plásticos de nossa cidade.

Podemos concluir que essa árvore, realmente, é motivo de orgulho não apenas para a família Caprânico, mas para todos os piracicabanos.

Queremos lembrar, porém, que ela é quase centenária – está com 93 anos de existência – e certamente algum dia deixará de existir, como qualquer outro ser vivo.

Poderá sempre ser lembrada através do plantio de suas sementes, em outros locais, para que, apesar do tempo, a Paz continue sendo cultivada e lembrada por todos nós.

A nós, da família Caprânico, porém, restam algumas perguntas que jamais serão respondidas:

– por que um italiano, residente em Piracicaba, resolve plantar árvores, como forma de homenagem numa época em que não havia preocupação com reflorestamento, proteção ambiental e mesmo paisagismo?

– o que teria pensado esse homem, que nós, seus netos, não conhecemos?

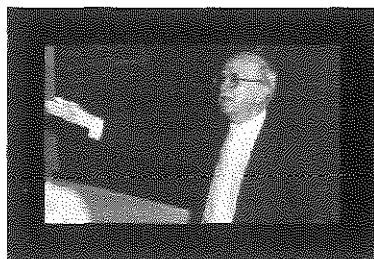
**Nota da Autora:** Antônio Capranico nasceu na Itália em 27 de junho de 1875. Faleceu em sua fazenda em Ipeúna, em 17 de outubro de 1930 e está sepultado em jazigo da família no Cemitério da Saudade. Dionísio Capranico (1904-1992) – seu segundo filho, foi quem contou a nossa família esse fato, que aqui temos orgulho em registrar na História de Piracicaba.

---

**HOMENAGEM****O caipiracicabano João Chiarini****Rosani Abou Adal**

O escritor, professor, jornalista, advogado, folclorista, político e historiador João Chiarini faleceu há 25 anos, no dia 18 de setembro, vítima de uma parada cardíaca em plena campanha política para o cargo de vereador.

Nasceu em Piracicaba, em 17 de novembro de 1919, filho de Pedro Chiarini com Eulália Romero. Casado com Tita, tendo Jorge Amado e Zélia Gattai padrinhos de casamento.



Justamente homenageado após sua morte com o seu nome em uma biblioteca e numa escola pública de Piracicaba. O Centro Cultural Martha Watts, da Unimep, abriga livros, periódicos, fotografias, recortes de jornais e correspondência pessoal do acervo que pertenceu ao caipiracicabano.

Foi presidente, em várias gestões, e fundador da Academia Piracicabana de Letras em 1972.

Criou, no dia 30 de maio de 1945, o Centro de Folclore de Piracicaba, declarado de utilidade pública pela Lei nº 303, de 9 de junho de 1949, do Governo do Estado de São Paulo.

Membro da Academia Santista de Letras e da Academia Rio-grandense de Letras, colaborou em vários veículos e escreveu sobre folclore no jornal *A Gazeta*, de São Paulo, de 1948 até 1951.

Também foi um dos fundadores da Associação Brasileira de

Escritores e da União Brasileira de Escritores, cuja ficha de filiação era de nº 56.

Segundo Adriano Nogueira, no texto "O Político e Escritor João Chiarini", publicado no livro *Registros Literários*: "Nos autos do processo (nº TRE – 483/51) existe uma longa folha de antecedentes encaminhada pelo DOPS, na qual conta que Chiarini, em 18 de fevereiro de 1949, foi procurado em Piracicaba "pelos intelectuais comunistas Caio Prado Júnior, Jamil Haddad e Artur Neves para um movimento renovador na Associação Brasileira de Escritores, e que, de 17 a 21 de abril de 1950, participou do 3º Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em Salvador, Bahia."

Eleito vereador, o mais votado, à Câmara Municipal de Piracicaba, pelo PSP, nas eleições de 14 de março de 1951. Em 1988, ano do seu falecimento, foi novamente candidato a vereador, pelo Partido Socialista Brasileiro e não conseguiu se reeleger.

Militante do Partido Comunista, exerceu o cargo de tesoureiro do comitê de Piracicaba, em 1945, época em que Adriano Nogueira o conheceu.

A Livraria O Pilão, montada por João Chiarini em 1966, tornou-se ponto de encontro de intelectuais piracicabanos. Antes do fechamento da mesma, um dos últimos escritores que autografaram livros, em 1967, foram José Mauro de Vasconcelos e Paulo Dantas.

Agraciado com a Medalha Marechal Rondon, da Sociedade Geográfica Brasileira, com a Medalha Imperatriz Leopoldina e recebeu diploma de sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Planejou e presidiu o I Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros, realizado em julho de 1955, em Salvador, Bahia. Participou como convidado especial do Festival de Folclore Hispano-Americano, realizado de 1955 a 1958, em Cáceres, na Espanha.

Foi um dos maiores agitadores culturais de Piracicaba e região. Restaurou a *Festa do Divino*, em 1943, promoveu a *I Festa do Peixe*, em outubro de 1966, e resgatou músicos e violeiros que se encontravam isolados na vasta região da Média Sorocabana. Organizou inúmeras manifestações folclóricas em Piracicaba e outras cidades e a vinda de pesquisadores, cinegrafistas, fotógrafos que documentavam o folclore a sua Terra Natal.

A monografia *Cururu*, em 1946, obteve o 2º prêmio no *I Con-*

curso de *Monografias do Folclore Musical Brasileiro*, da Discoteca Pública Municipal da Prefeitura de São Paulo. A obra foi publicada na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo* e publicada em separata em 1947.

Publicou inúmeros artigos em jornais dos mais variados temas e sobre o folclore. Participou, em 1956, do programa de televisão *O Céu é o Limite*, onde respondeu, durante três meses, a perguntas sobre folclore.

Aprofundou-se no linguajar piracicabano, que denominou de “caipiracicabano”. Autor de *Anatomia da Viola*, *Festa do Divino em Piracicaba*, *Antologia do Cordel*, *Folclore de Piracicaba*, monografias em dois volumes, e do livro de poemas *Argamassa*, publicado postumamente pela Academia Piracicabana de Letras, cujo prefácio é de Paulo Dantas, em 1993, pela Shekinah Editora, de Piracicaba.

Quando trabalhei no Museu da Literatura com o autor de *O Menino Jagunço*, em 1988, Chiarini pediu a Paulo Dantas o prefácio de *Argamassa*. Ele escreveu dois textos e perdeu os originais da obra e as apresentações. Eu e Adriano resgatamos o livro e os prefácios, embora o mesmo tenha sido publicado apenas após seu falecimento.

Conheci João Chiarini por intermédio do saudoso amigo e um dos fundadores deste periódico, Adriano Nogueira. Então fica a lembrança da viagem que fizemos – eu, Adriano, minha mãe, Paulo Dantas e a poeta Lourdes Di Túlio, quando tomei posse na Academia Piracicabana de Letras. Fomos no meu Corcel II, que se chamava Johnny em homenagem ao músico Johnny Alf. Paulo não deixou ninguém falar a viagem toda com sua crise logopática. Chiarini o escolheu para me saudar na solenidade de posse; bem como no jantar de confraternização, no extinto Restaurante Mirante.

Também jamais me esquecerei das cartas manuscritas, com caneta hidrocor, que João Chiarini enviava pelo correio. Eram tão festivas quanto sua alma.





## COLABORAÇÃO ESPECIAL

## No tempo da minha infância

Ismael Gaião

No tempo da minha infância  
Nossa vida era normal  
Nunca me foi proibido  
Comer muito açúcar ou sal  
Hoje tudo é diferente  
Sempre alguém ensina a gente  
Que comer tudo faz mal

Bebi leite ao natural  
Da minha vaca Quitéria  
E nunca fiquei de cama  
Com uma doença séria  
As crianças de hoje em dia  
Não bebem como eu bebia  
Pra não pegar bactéria

A barriga da miséria  
Tirei com tranquilidade  
Do pão com manteiga e queijo  
Hoje só resta a saudade  
A vida ficou sem graça  
Não se pode comer massa  
Por causa da obesidade

Eu comi ovo à vontade  
Sem ter contraindicação  
Pois o tal colesterol  
Pra mim nunca foi vilão  
Hoje a vida é uma loucura  
Dizem que qualquer gordura  
Nos mata do coração

Com a modernização  
Quase tudo é proibido  
Pois sempre tem uma Lei  
Que nos deixa reprimido  
Fazendo tudo que eu fiz  
Hoje me sinto feliz  
Só por ter sobrevivido

Eu nunca fui impedido  
De poder me divertir  
E nas casas dos amigos  
Eu entrava sem pedir  
Não se temia a galera  
E naquele tempo era  
Proibido proibir

Vi o meu pai dirigir  
Numa total confiança  
Sem apoio, sem air-bag  
Sem cinto de segurança  
E eu no banco de trás  
Solto, igualzinho aos demais  
Fazia a maior festança

No meu tempo de criança  
Por ter sido reprovado  
Ninguém ia ao psicólogo  
Nem se ficava frustrado  
Quando isso acontecia  
A gente só repetia  
Até que fosse aprovado



Não tinha superdotado  
Nem a tal dislexia  
E a hiperatividade  
É coisa que não se via  
Falta de concentração  
Se curava com carão  
E disso ninguém morria

Nesse tempo se bebia  
Água vinda da torneira  
De uma fonte natural  
Ou até de uma mangueira  
E essa água engarrafada  
Que diz-se esterilizada  
Nunca entrou na nossa feira

Para a gente era besteira  
Ter perna ou braço engessado  
Ter alguns dentes partidos  
Ou um joelho arranhado  
Papai guardava veneno  
Em um armário pequeno  
Sem chave e sem cadeado

Nunca fui envenenado  
Com as tintas dos brinquedos  
Remédios e detergentes  
Se guardavam, sem segredos  
E descalço, na areia  
Eu joguei bola de meia  
Rasgando as pontas dos dedos

Aboli todos os medos  
Apostando umas carreiras  
Em carros de rolimã  
Sem usar cotoveleiras  
Pra correr de bicicleta  
Nunca usei, feito um atleta,  
Capacete e joelheiras

Entre outras brincadeiras  
Brinquei de Carrinho de Mão  
Estátua, Jogo da Velha  
Bola de Gude e Pião  
De mocinhos e Cawboys  
E até de super-heróis  
Que vi na televisão

Eu cantei Cai, Cai Balão,  
Palma é palma, Pé é pé  
Gata Pintada, Esta Rua  
Pai Francisco e De Marré  
Também cantei Tororó  
Brinquei de Escravos de Jó  
E o Sapo não lava o pé

Com anzol e jereré  
Muitas vezes fui pescar  
E só saía do rio  
Pra ir pra casa jantar  
Peixe nenhum eu pegava  
Mas os banhos que eu tomava  
Dão prazer em recordar

Tomava banho de mar  
Na estação do verão  
Quando papai nos levava  
Em cima de um caminhão  
Não voltava bronzeado  
Mas com o corpo queimado  
Parecendo um camarão

Sem ter tanta evolução  
O Playstation não havia  
E nenhum jogo de vídeo  
Naquele tempo existia  
Não tinha vídeo cassete  
Muito menos internet  
Como se tem hoje em dia

O meu cachorro comia  
O resto do nosso almoço  
Não existia ração  
Nem brinquedo feito osso  
E para as pulgas matar  
Nunca vi ninguém botar  
Um colar no seu pescoço

E ele achava um colosso  
Tomar banho de mangueira  
Ou numa água bem fria  
Debaixo duma torneira  
E a gente fazia farra  
Usando sabão em barra  
Pra tirar sua sujeira

Fui feliz a vida inteira  
Sem usar um celular  
De manhã ia pra aula  
Mas voltava pra almoçar  
Mamãe não se preocupava  
Pois sabia que eu chegava  
Sem precisar avisar

Comecei a trabalhar  
Com oito anos de idade  
Pois o meu pai me mostrava  
Que pra ter dignidade  
O trabalho era importante  
Pra não me ver adiante  
Ir pra marginalidade

Mas hoje a sociedade  
Essa visão não alcança  
E proíbe qualquer pai  
Dar trabalho a uma criança  
Prefere ver nossos filhos  
Vivendo fora dos trilhos  
Num mundo sem esperança

A vida era bem mais mansa,  
Com um pouco de insensatez.  
Eu me lembro com detalhes  
De tudo que a gente fez,  
Por isso tenho saudade  
E hoje sinto vontade  
De ser criança outra vez...

[A presente poesia, aqui publicada com licença especial do autor, foi transcrita do seu livro "Uma colcha, cem retalhos" (2011).

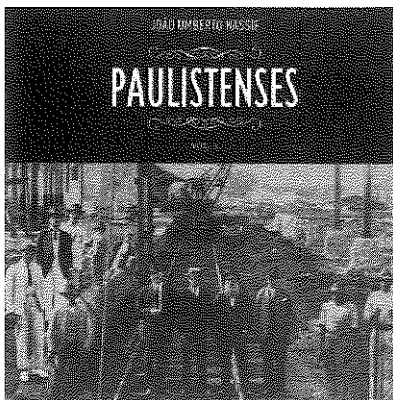
Também foi editada como folheto de cordel em 2009 e foi incluída como uma das faixas do CD "Causos e cordéis", gravado no ano de 2010 em parceria com o poeta Felipe Júnior.]



## APL EM AÇÃO – NOTICIÁRIO\*

• No dia 1º de agosto, aniversário da Cidade de Piracicaba, **Felisbino de Almeida Leme** foi homenageado pela Câmara Municipal, recebendo a Medalha do Mérito Legislativo.

• **João Umberto Nassif** lançou em setembro o livro “Paulistenses”, em dois volumes, edição do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. A obra, que se baseia em numerosas entrevistas de moradores do bairro Paulista, realizadas pelo autor, mereceu moção de aplausos da Câmara Municipal de Piracicaba, por iniciativa do Vereador Gilmar Rotta.



• Em concorrida sessão realizada na Livraria Cultura, de São Paulo, em agosto, a Dra. Nelly Martins Ferreira Candeias, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, lançou seu livro “10 Anos da Memória Paulista – 2002-2012”, primoroso e bem acabado volume com mais de 1000 páginas, historiando e documentando atividades realizadas no âmbito do IHGSP em seus três mandatos. Um discurso de **Marly Therezinha Germano Perecin** e duas conferências de **Armando Alexandre dos Santos** foram transcritos, na íntegra, nessa obra.

• **Leda Coletti** lançou o livreto de poesias “Louvar e Agradecer ao Senhor”, com prefácio de Mons. **Jamil Nassif Abib**.

---

\* Nesta seção, somente os nomes dos acadêmicos titulares da APL são sempre destacados em negrito. O Editor pede desculpas pelas possíveis omissões involuntárias e insiste no pedido de que os Acadêmicos o mantenham informado acerca das atividades literárias, culturais e artísticas que realizam. Se todos o fizerem, esta seção da Revista da APL poderá ser bem mais completa e corresponderá de modo adequado ao muito que realmente fazem e produzem os membros de nossa Academia.

• A Revista Pesquisa FAPESP publicou, na edição de maio de 2013, o conto “Altos da Excelência”, de **Carla Ceres Oliveira Capeleti**. A revista impressa, que foi vendida em bancas de jornais, rapidamente se esgotou, mas o conto de Carla pode ser apreciado no site da Fafesp: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2013/05/14/altos-da-excelencia/>

• O texto “Bécassine, a primeira heroína em Histórias em Quadrinhos”, de **Armando Alexandre dos Santos**, foi publicado na íntegra, nos “Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural – Escritas da História: Ver, Sentir, Narrar”. Também será transcrita integralmente, nos “Anais do X Encontro Internacional de Estudos Medievais”, realizado em julho na Universidade de Brasília, comunicação apresentada pelo mesmo acadêmico, intitulada “Sobre instituições religiosas medievais dedicadas à construção de pontes e sua justificação teológica”. Armando também participou como conferencista convidado, do XXIII Encontro Monárquico, realizado no Rio de Janeiro em junho.

• **Leda Coletti** classificou-se em primeiro lugar em concurso de trovas realizado na internet, na 4ª. Etapa do Projeto Trovas para uma Vida Melhor. **André Bueno Oliveira** também teve uma trova selecionada para a Ciranda, no mesmo concurso. O tema de ambos: Família.

• No VIII Prêmio Escriba de Contos, **Elda Nympha Cobra Silveira** recebeu menção honrosa por seu conto “O botão e o sobretudo”, que será publicado em antologia. **Ivana Maria França de Negri** e **Armando Alexandre dos Santos** fizeram parte do corpo de jurados desse concurso, que foi promovido pela Prefeitura Municipal de Piracicaba, por meio da Secretaria Municipal da Ação Cultural.

• Três acadêmicas – **Carmen Pilotto**, **Leda Coletti** e **Ivana Negri** – foram selecionadas no Mapa Cultural Paulista–2013, na modalidade Literatura.

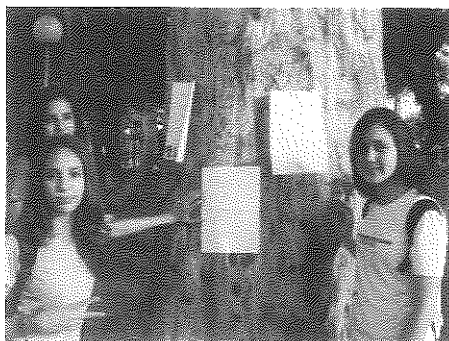
• O Dia do Escritor (28 de julho) foi neste ano comemorado na Rua do Porto, pelas principais entidades literárias de Piracicaba.

Integrantes da APL, do Sarau Literário Piracicabano, do Clube dos Escritores, do Grupo Oficina Literária de Piracicaba e do Centro Literário de Piracicaba expuseram trabalhos seus ao público, trocaram, doaram e venderam livros, expuseram composições suas em varais, contaram histórias e declamaram.

• **Ivana Negri, Leda Coletti, Carmen Pilotto, Aracy Duarte Ferrari e Carla Ceres** participaram ativamente da organização, em Piracicaba, do evento “Um poema em cada árvore”, no dia 21 de setembro. Trata-se de iniciativa realizada simultaneamente em muitas dezenas de cidades brasileiras, para incentivar formas literárias que utilizam árvores como suporte de leitura, preservando-as assim de serem abatidas desnecessariamente. Em Piracicaba, além da APL, também deram apoio o GOLP, o CLIP, o Sarau Literário e o Clube dos Escritores.



• As professoras de Língua Portuguesa da EE Profª Catharina Casale Padovani – Margarete Pagotto, Lourdes Vieira e Karen de Melo Pedreira – levaram suas classes para um picnic cultural no parque de Santa Teresinha, bairro onde está localizada a escola, em comemoração ao



la, em comemoração ao Dia da Árvore e também ao Dia da Poesia (19 e 20 de setembro). Os alunos, durante as aulas que antecederam o evento, leram, selecionaram e escreveram poemas para serem afixados nas árvores do parque. Também foram contadas histórias pela di-

retora Christina Negro e a escritora Luzia Stocco proferiu uma palestra. Essa atividade pedagógica faz parte da programação cultural do Município – por iniciativa da Academia Piracicabana de Letras e outros grupos literários.

- Rosani Abou Adal homenageou a memória do fundador da APL, estampando expressivo artigo intitulado “O caipiracicabano João Chiarini”, no número 288 de “Linguagem Viva” (ano XXIII, agosto de 2013). Esse artigo é reproduzido no presente número da “Revista da APL”. Rosani mantém, em “Linguagem Viva”, uma coluna permanente para divulgação da literatura e da cultura de Piracicaba.

## DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Presidente – Maria Helena Vieira Aguiar Corazza

Vice-Presidente – Gustavo Jacques Dias Alvim

Primeiro Secretário – Felisbino de Almeida Leme

Segunda Secretária – Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme

Primeiro Tesoureiro – Waldemar Romano

Segundo Tesoureiro – Antonio Carlos Fusatto

Bibliotecária – Marly Therezinha Germano Perecin

Conselho Fiscal – Cezário de Campos Ferrari

Elias Salum

Gregório Marchiori Netto

## GALERIA ACADÊMICA

Alexandre Sarkis Neder – Cadeira n° 13 – Patrono: Dario Brasil

André Bueno Oliveira – Cadeira n° 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

Antonio Carlos Fusatto – Cadeira n° 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

Antonio Carlos Neder – Cadeira n° 15 – Patrono: Archimedes Dutra

Aracy Duarte Ferrari – Cadeira n° 16 – Patrono: José Mathias Bragion

Armando Alexandre dos Santos – Cadeira n° 10 – Patrono: Brasília Machado

Carla Ceres Oliveira Capeleti – Cadeira n° 17 – Patrona: Virgínia Prata  
Grigolin

Carlos Moraes Júnior – Cadeira n° 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida

Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – Cadeira n° 19 – Patrono:  
Ubirajara Malagueta Lara

Cássio Camilo Almeida de Negri – Cadeira n° 20 – Patrono: Benedito  
Evangelista da Costa

Cezário de Campos Ferrari – Cadeira n° 12 – Patrono: Ricardo Ferraz  
do Amaral

Elda Nympha Cobra Silveira – Cadeira n° 21 – Patrono: José Ferraz de  
Almeida Junior

Elias Jorge – Cadeira n° 22 – Patrono: Erotides de Campos

Elias Salum – Cadeira n° 5 – Patrono: Leandro Guerrini

Evaldo Vicente – Cadeira n° 23 – Patrono: Leo Vaz

Felisbino de Almeida Leme – Cadeira n° 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto

Francisco de Assis Ferraz de Mello – Cadeira n° 26 – Patrono: Nelson  
Camponês do Brasil

Geraldo Victorino de França – Cadeira n° 27 – Patrono: Salvador de To-  
ledo Pisa Junior



- Gregorio Marchiori Netto** – Cadeira n° 28 – Patrono: Delfim Ferreira da Rocha Neto
- Gustavo Jacques Dias Alvim** – Cadeira n° 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro
- Homero Anefalos** – Cadeira n° 30 – Patrono: Jorge Anefalos
- Homero Conceição Moreira de Carvalho** – Cadeira n° 31 – Patrono: Victório Ângelo Cobra
- Ivana Maria França de Negri** – Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.)** – Cadeira n° 1 – Patrono: João Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde** – Cadeira n° 34 – Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif** – Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente José de Moraes
- Leda Coletti** – Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco
- Lino Vitti** – Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz
- Maria Helena Vieira Aguiar Corazza** – Cadeira n° 3 – Patrono: Luiz de Queiroz
- Marisa Amábile Fillet Bueloni** – Cadeira n° 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade
- Marly Therezinha Germano Percin** – Cadeira n° 2 – Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini
- Mônica Aguiar Corazza Stefani** – Cadeira n° 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira
- Myria Machado Botelho** – Cadeira n° 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela
- Olívio Nazareno Alleoni** – Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca
- Paulo Celso Bassetti** – Cadeira n° 39 – Patrono: José Luiz Guidotti
- Pedro Caldari** – Cadeira n° 40 – Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende
- Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme** – Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges
- Toshio Iczuca** – Cadeira n° 38 – Patrono: Elias de Melo Ayres
- Valdiza Maria Caprânico** – Cadeira n° 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz
- Waldemar Romano** – Cadeira n° 11 – Patrono: Benedicto de Andrade





ISSN 2377-2797



9 772377 271008